



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**  
**CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**ANA LUIZA FREIRE DUARTE LOPES DE MELO**

**REDES SOCIAIS E INTERNET NO COTIDIANO DOS ARTESÃOS DA FEIRA DE  
PEQUENOS NEGÓCIOS DE FORTALEZA**

**FORTALEZA - CE**

**2020**

ANA LUIZA FREIRE DUARTE LOPES DE MELO

REDES SOCIAIS E INTERNET NO COTIDIANO DOS ARTESÃOS DA FEIRA DE  
PEQUENOS NEGÓCIOS DE FORTALEZA

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia, do Departamento de Ciências da Informação, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra Juliana Buse de Oliveira Rémy

FORTALEZA – CE

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

M485r Melo, Ana Luiza Freire Duarte Lopes.  
Redes sociais e internet no cotidiano dos artesãos da feira de pequenos negócios de Fortaleza / Ana Luiza Freire Duarte Lopes Melo. – 2020.  
94 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará,  
Centro de Humanidades, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2020.  
Orientação: Profa. Dra. Juliana Buse de Oliveira Rémy.

1. Artesanato. 2. Artesãos de Fortaleza. 3. Redes sociais na internet. 4. Ciberespaço.  
I. Título.

ANA LUIZA FREIRE DUARTE LOPES DE MELO

REDES SOCIAIS E INTERNET NO COTIDIANO DOS ARTESÃOS DA FEIRA DE  
PEQUENOS NEGÓCIOS DE FORTALEZA

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dra Juliana Buse de Oliveira Rémy (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Hamilton Rodrigues Tabosa (Membro)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Bibliotecária Etina Jéssica Macêdo Celestino (Membro)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Osvaldo de Souza (Suplente)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico este trabalho ao meu filho, Francisco Duarte, dádiva de minha vida, todo esforço é por você.

A memória de minha querida avó Zenete, a pessoa mais inspiradora que conheci.

A todos os artesãos, guardiães milenares de técnicas, saberes e história da humanidade, minha eterna admiração, esse trabalho é pensando em nós.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por fazer acontecer tantos milagres em minha vida.

A Professora Juliana Buse, por sua profunda empatia e disposição em ajudar. Pelo incentivo, quando já não havia esperança.

Ao meu filho, Francisco Duarte, por me levar a caminhos jamais imaginados, por fazer surgir força onde não se esperava e por todo amor que me manteve de pé nos momentos mais turbulentos.

Aos meus pais, Ana Lúcia e Diógenes, por sempre se esforçarem com tudo que era possível, e às vezes, impossível, para me garantir educação. E por todas as vezes que se opuseram aos meus desejos de desistir. Agradeço imensamente por todo o amor.

Aos meus irmãos, Diógenes e Felipe, pelo companheirismo e vida compartilhada.

A minha família, especialmente minhas queridas tias Ana Paula e Teresa, por todas as orações, mensagens e estímulos em me fazer continuar e concluir esse ciclo.

Ao meu companheiro, Vitor, pela força doada em meus inúmeros momentos de fraqueza, pelo amor, compreensão e paciência sempre à disposição e por todo o auxílio na realização dessa missão.

As minhas amigas especiais, Amanda e Dayane, que apesar da distância, foram ouvidos atentos às minhas lamúrias, sempre segurando a minha mão nas piores situações, estando dispostas a ajudar, mesmo que apenas com palavras.

A querida Rebeca Oliveira, pela grande ajuda oferecida sem desejar nada em troca. Pessoas como você me fazem ter esperanças em um mundo melhor.

Ao professor Hamilton e toda equipe de compõe o curso de Biblioteconomia pela espetacular paciência e olhar decisivo.

A todos que contribuíram, de forma direta ou indireta, na realização dessa tarefa, meu muitíssimo obrigado.

## RESUMO

O artesanato se fez presente na vida do homem desde o surgimento das primeiras sociedades civilizadas, passando de geração para geração. Diante do advento das tecnologias digitais e o surgimento da Internet o produto artesanal também incorpora ao seu cotidiano as práticas de uso desses novos dispositivos. Este trabalho tem como objetivo analisar a utilização das redes sociais, por artesãos, no cenário de Fortaleza, e como o acesso às redes sociais na internet e ao conhecimento disseminado nesses ambientes surgem como ferramentas facilitadoras e/ou transformadoras dos processos de construção cotidiana da produção artesanal. A investigação foi ambientada nas feiras de artesanato e empreendedorismo do programa Feira de Pequenos Negócios de Fortaleza, realizado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico. Como ferramenta de coleta de dados utilizou-se a aplicação de questionários de caráter misto. Acreditamos que os resultados da pesquisa foram satisfatórios e que os objetivos propostos foram atendidos. A partir dos resultados obtidos, identificamos que a maioria dos artesãos pesquisados utilizam os sites de redes sociais no âmbito de seu trabalho e com frequência considerável, sendo as mais usadas: WhatsApp, Youtube, Facebook e Instagram. De modo geral, apuramos que eles veem as redes sociais na internet como espaços benéficos para interação e desenvolvimento de atividades no contexto do cotidiano de trabalho.

**Palavras-chave:** Artesanato. Artesãos de Fortaleza. Redes Sociais na Internet. Ciberespaço.

## ABSTRACT

Craftsmanship has been present in the life of man since the emergence of the first civilized societies, passing from generation to generation. Faced with the advent of digital technologies and the emergence of the Internet, the handcrafted product also incorporates the practices of using these new devices in its daily life. This work aims to analyze the use of social networks, by artisans, in the scenario of Fortaleza, and how access to social networks on the internet and the knowledge disseminated in these environments emerge as tools that facilitate and / or transform the processes of daily construction of production handmade. The investigation took place at the handicraft and entrepreneurship fairs of the Small Business Fair program in Fortaleza, carried out by the Economic Development Secretariat. As a data collection tool, the application of mixed questionnaires was used. We believe that the research results were satisfactory and that the proposed objectives were met. From the results obtained, we identified that the majority of artisans use social networking sites as part of their work and with considerable frequency, the most used ones being WhatsApp, Youtube, Facebook and Instagram. In general, we found that they see in social networks on the Internet as beneficial spaces for interaction and development of activities in the context of daily work.

**Keywords:** Craftwork. Artisan of Fortaleza. Social Networks on the Internet. Cyberspace.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dados sobre a utilização de mídias sociais .....	36
Gráfico 2 – Amostra de artesãos participantes.....	44
Gráfico 3 – Gênero dos participantes.....	50
Gráfico 4 – Faixa etária dos artesãos.....	52
Gráfico 5 – Artesanato como única ocupação de trabalho.....	56
Gráfico 6 – Nível de escolaridade .....	58
Gráfico 7 – Fontes de informação para artesanato .....	68
Gráfico 8 – Conhecimento sobre o uso da Internet e Redes Sociais .....	70
Gráfico 9 – Utilização das redes sociais para o trabalho artesanal .....	71
Gráfico 10 – Frequência de utilização das Redes Sociais .....	73
Gráfico 11 – Redes Sociais mais usadas .....	74
Gráfico 12 – Objetivos das utilização das Redes Sociais.....	76

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2</b>	<b>ARTESANATO</b> .....	14
2.1	CONCEITOS E CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO ARTESANAL .....	14
2.2	ARTESANATO NO BRASIL E NO CEARÁ.....	19
<b>3</b>	<b>DA TRADIÇÃO E ORALIDADE À CIBERCULTURA E REDES SOCIAIS NA INTERNET</b> .....	23
3.1	TRADIÇÃO, ORALIDADE E INSERÇÃO NO CIBERESPAÇO.....	23
3.2	REDES SOCIAIS NA INTERNET .....	33
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	40
4.1	A DELIMITAÇÃO DO ESPAÇO DE ATUAÇÃO.....	41
4.2	QUESTIONÁRIO .....	44
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	49
5.1	PERFIL DOS ARTESÃOS .....	49
5.2	TRANSMISSÃO DOS CONHECIMENTOS ARTESANAIS E FONTES DE INFORMAÇÃO PARA ARTESANATO.....	62
5.3	REDES SOCIAIS NA INTERNET E O TRABALHO ARTESANAL.....	69
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	83
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	86
	<b>APÊNDICE A – PRÉ-TESTE DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ARTESÃOS</b> .....	89
	<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DEFINITIVO APLICADO AOS ARTESÃOS</b> .....	92

## 1 INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, onde são apresentadas inovadoras condições de interação e construção do conhecimento, o crescimento da produção informacional, principalmente no ambiente virtual, acerca de artesanato e suas peculiaridades, traz novas perspectivas de aprendizado e transmissão dos saberes de práticas manuais. Essa nova onda de tecnologia, permite uma inédita forma de conectividade e interatividade entre indivíduos.

O artesanato tem sua história ligada aos percursos evolutivos da existência humana. Existe desde os primórdios das civilizações, onde a produção era direcionada às atividades cotidianas, e esses saberes vêm sendo transmitidos de geração a geração de diversas formas. Acompanhando o processo evolutivo no âmbito das transmissões dos saberes, o artesão teve a capacidade de adaptar-se às transformações sociais.

A introdução dos conhecimentos orais no ciberespaço, além de possibilitar uma redescoberta de certas tradições, leva grande quantidade de novas e construtivas informações a outros públicos, fazendo com que um número cada vez maior de pessoas tenha acesso às tradições, às práticas e às histórias. As tecnologias da comunicação e informação, na experiência dos fazeres manuais, também, surgiram como uma nova forma de registro da memória, através de vídeos, áudios, imagens e hipertextos, as histórias do universo artesanal poderão se perpetuar para sempre.

Assim, a Internet e as redes sociais apresentam-se como transformadoras da aprendizagem/ensino, do processo criativo, da produção e formação de projetos, mostram-se como facilitadoras do intercâmbio informacional, e ainda aparecem como suporte alternativo de guarda das memórias artesanais, além de serem uma alternativa para divulgação de trabalhos, disseminação de informações relevantes à classe e fonte de renda inovadora.

Em sua obra, intitulada *Cibercultura*, Lévy (1999) evidencia o papel dessas tecnologias como facilitadoras de novas maneiras de aproximação às informações e novos modos de pensar e construir os saberes, uma inteligência coletiva, criada em um espaço fluido e universal.

No processo de ressignificação das práticas artesanais, a tradição vem agregando novas possibilidades, contando como principal agente o suporte

tecnológico. Assim, os conhecimentos oralmente transmitidos pelas famílias tradicionais de artesãos, ou nas oficinas dos mestres artesãos, estão sendo registrados, difundidos e moldados por meios audiovisuais, imagéticos e hipertextuais.

Fazendo-se um breve levantamento bibliográfico acerca do tema, observamos que a maioria das publicações que tratam da temática do artesanato cientificamente foram encontradas nas áreas de: Moda, Design, Administração, História, Sociologia, Antropologia e Economia. No entanto, encontramos publicações com o assunto em diversas áreas do conhecimento, evidenciando um caráter plural do artesanato, podendo ser associado a estudos em diversos aspectos do conhecimento humano.

Desse modo, compreendemos que é objeto de estudo da Ciência da Informação entender como se dão as transformações na transmissão dos conhecimentos sobre artesanato, e quais são as modificações encontradas, frente às novas tecnologias da Informação, no processo de produção artística e científica desses saberes, bem como, discutir acerca da disseminação da informação nas redes sociais sobre a temática.

Tendo em vista esse contexto, o problema em que se baseia esta investigação, sob a ótica da Ciência da Informação, se resume nos seguintes questionamentos: o acesso às redes sociais na internet e ao conhecimento disseminado nesses ambientes contribuem como ferramentas facilitadoras e/ou transformadoras dos processos de construção cotidiana da produção artesanal? Como se dá a utilização das redes sociais pela classe artesã urbana de Fortaleza?

Ao iniciar o processo de realização da pesquisa, levantamos a hipótese de que a utilização da internet, especificamente as redes sociais, surge como ferramenta influenciadora da produção artesanal, no sentido de ser transformadora do processo de criação artística e ensino/aprendizagem; de certa forma condicionante do intercâmbio informacional e facilitadora da disseminação da informação; e, apresenta-se, também, como um suporte de guarda de memória sobre artesanato. No decorrer desse trabalho, colocamos os resultados obtidos que refutaram ou confirmaram tais suposições, considerando o universo dos artesãos da cidade de Fortaleza.

O objetivo da pesquisa em questão é analisar a utilização das redes sociais, por artesãos, no cenário de Fortaleza, e como o acesso às redes sociais na internet

e ao conhecimento disseminado nesses ambientes surgem como ferramentas facilitadoras e/ou transformadoras dos processos de construção cotidiana da produção artesanal. Têm-se como objetivos específicos:

- Apresentar conceitos e resgates histórico sobre artesanato, ciberespaço e Redes Sociais na Internet;
- Verificar o perfil dos artesãos que utilizam as redes sociais no âmbito da produção artesanal;
- Identificar quais redes sociais são mais utilizadas por esses artesãos;
- Obter informações sobre como se dá a utilização das redes sociais, quais os objetivos, frequência de uso, aspectos positivos e negativos da utilização no cotidiano de artesãos Fortalezenses.

O estudo justifica-se por um aspecto pessoal, inquietações surgiram durante as práticas e vivências autodidatas de aprendizagem das técnicas de macramê da pesquisadora. A curiosidade de saber mais sobre a arte milenar da tecelagem manual, suas origens, tradições e técnicas, levaram a pesquisas amadoras pela cidade de Fortaleza, em busca de informações e lugares que contassem um pouco dessa expressão cultural.

A princípio, o material encontrado para estudos foi oriundo de obras impressas, como revistas que ensinavam poucos pontos ou peças específicas, ou adquirindo conhecimentos através de conversas e trocas de saberes com os próprios artesãos. A maioria produzia o artesanato na rua, itinerantes, mas experientes em seus espaços de atuação, esses artesãos possuíam conhecimentos de outras técnicas que não se encontravam nos materiais impressos.

Ao iniciar os estudos autodidatas como artesã, na mesma época, a pesquisadora, começou a utilizar com mais afinco a internet e suas possibilidades, isso foi um ponto divisor de águas no aprimoramento de técnicas.

As primeiras tentativas de encontrar informações se deram a partir de consultas a livros em formato PDF<sup>1</sup> encontrados na Internet, mas a grande parte dos resultados das buscas foram materiais escritos em outras línguas, geralmente inglês.

---

<sup>1</sup> O formato em PDF (Portable Document Format) foi criado nos anos 90, com o objetivo de permitir que um documento salvo em um computador pudesse ser aberto em outros sistemas, garantindo segurança e uma fidelidade ao arquivo que foi gerado, de maneira universal e estável. Podemos encontrar na internet uma infinidade de arquivos nesse tipo de formato, desde livros, slides e tabelas a imagens.

Ler os materiais era um processo longo e difícil. Crescia a necessidade de ampliar as fontes de informações sobre macramê. Nesse momento, surgiram os primeiros contatos com as mídias sociais e os sites de redes sociais, tais como: Youtube, Instagram e Pinterest, e a utilização como ferramenta de aprendizagem.

Da autonomia conquistada e estimulada pelas tecnologias, e ao lançar-se num estudo autodidata, surgiu à curiosidade de saber, a partir da própria experiência investigativa, e da observação de alguns colegas artesãos com relatos de vida parecidos, como outros artesãos, do cenário de Fortaleza, utilizavam esses espaços virtuais.

Para executar tal intento, foi realizada uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa, de cunho exploratório e descritivo, com fontes bibliográficas específicas e documentais, cuja análise baseou-se pelo método indutivo, todo o desenvolvimento desse processo foi adaptado às necessidades e objetivos da pesquisa.

No intuito de criar uma visão crítica sobre o tema, primeiramente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, seleção e escolha das principais referências bibliográficas, pesquisa em livros, teses, periódicos e sites sobre a temática em questão, objetivando conhecer os principais conceitos que tratam dos campos do conhecimento onde o tema pode ser estudado.

No segundo capítulo da pesquisa, foram abordados autores, que tratam do mundo do artesanato, dentre os principais podemos citar: Sylvia Porto Alegre, Emanuelle Kelly Ribeiro da Silva e Paulo Fernandes Keller, trazendo um breve resgate histórico, contextualizando o cenário da pesquisa, seus aspectos sociais e econômicos, bem como, conceituação e caracterização do artesanato.

No terceiro capítulo, inicialmente falando sobre as tradições nos processos humanos, usamos os apontamentos de Eric Hobsbawm e Terence Ranger. A respeito das mudanças sofridas nos processos de transmissão de informações, saberes e técnicas, as formas de se associar e a contextualização de inserção no Ciberespaço, foram utilizados os pensamentos de Pierre Lévy, para se obter uma melhor definição e conseqüente compreensão do estudo a ser desenvolvido. Também, foram consultadas as pesquisas de Manuel Castells com observações em várias dimensões da experiência humana nas transformações sociais induzidas pelas inovações tecnológicas. Além disso, os estudos de Raquel Recuero e Jefferson Veras Nunes foram de grande contribuição para entender o fenômeno das

Redes Sociais na Internet e as alterações dos processos sociais e informacionais nesses ambientes. Outros autores foram abordados a fim de complementar o entendimento sobre os impactos ocasionados no modo de transmissão dos conhecimentos e informações sobre artesanato na atualidade.

Formadas as bases teóricas, foi realizada pesquisa de campo para aproximação com a comunidade artesã da cidade de Fortaleza. Feita a prática de métodos de abordagens como elaboração e aplicação de questionários com os envolvidos para levantamento de dados quantitativos e qualitativos sobre a utilização das redes sociais, além de se fazer uma breve convivência para observação de hábitos.

A pesquisa foi ambientada nas feirinhas de artesanato promovidas pela Prefeitura de Fortaleza, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SDE). As Feiras de Pequenos Negócios de Fortaleza, como são denominadas, acontecem com o intuito de fomentar a economia e apoiar pequenos empreendedores e artesãos da cidade, ocorrendo em vários pontos da capital mensalmente. Optamos por selecionar as feiras realizadas nos terminais de ônibus espalhados pelo município, pela facilidade de acesso. Utilizamos também as vivências pessoais autodidatas da pesquisadora, que foram as motivações para tal estudo, como também relatos de vida colhidos no decorrer do processo de execução da pesquisa, por artesãos que fazem parte do cenário urbano de Fortaleza, obtidos através de pré-teste de questionários e conversas sondagens.

Após o recolhimento de dados nos ambientes físicos, de posse dos materiais relevantes à pesquisa, foram expostos os percursos metodológicos para a realização do estudo, no capítulo quarto. Por fim, no capítulo quinto, foram examinados os dados obtidos e concebida uma análise da utilização das ferramentas disponibilizadas pelo ciberespaço, destacando os sites de redes sociais na internet, e como se apresenta o artesão contemporâneo na nova dinâmica global. Comprovada ou negada a hipótese proposta como solução do problema da investigação serão apresentados os dados conclusivos dos esforços realizados.

## 2 ARTESANATO

As técnicas artesanais milenares sobrevivem em meio às mudanças e rupturas históricas da humanidade. Para entender os processos que envolvem os modos de saber e fazer é necessário esclarecer conceitos e características do artesanato e as peculiaridades que envolvem a profissão dos artesãos. Observaremos, no decorrer deste capítulo, as bases para conhecer o nosso objeto de estudo. Analisando os caminhos percorridos desde as suas raízes, oriundas de várias culturas, até o contexto atual, em que passa por momento de reconhecimento através de instrumentos e políticas públicas que fortalecem e regulamentam o fazer artesanal.

### 2.1 CONCEITOS E CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO ARTESANAL

A habilidade de raciocinar deu ao homem a capacidade de sempre melhor atender suas necessidades transformando o ambiente ao seu redor. Da necessidade de armazenar alimentos, ou sobreviver ao clima e às adversidades da natureza, ou mesmo se expressar, surgem os primeiros registros das produções artesanais. O artesanato existe desde os primórdios das civilizações, onde a produção era direcionada às atividades cotidianas e esses saberes vêm sendo transmitidos de geração a geração de diversas formas e se adaptando às mudanças sociais.

Porto Alegre (1994, p. 22), explicita em sua obra que “[...] novas formas de criação e antigos segredos do ofício se confundem e se misturam, reelaborando a cada momento a expressão artística, numa tensão permanente entre continuidade e mudança que é própria da natureza dinâmica das culturas.”

No intuito de entendermos melhor sobre o processo de transmissão dos saberes artesanais e das mudanças sociais sofridas por essa expressão milenar no contexto atual, é de grande importância descrever e caracterizar alguns termos, para evitar confusões terminológicas. Assim, justificando-se como uma base conceitual para a realização do estudo, adquirindo, dessa forma, uma visão geral sobre o que vem a ser considerado artesanato e os diversos campos que podemos abordar os estudos envolvendo a temática.

Investigando a origem da palavra artesanato, derivada do latim “Ars”, segundo Duarte *et al.* (2015, p.13) quer dizer “[...] capacidade de fazer algo.”

Posteriormente, com a ruptura dos saberes intelectuais com os manuais, esse vocábulo passou a ser usado como significado para arte. Então, ao nos depararmos com as definições da palavra artesanato, podemos observar algumas perspectivas.

De acordo com o Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2004), coloca-se as seguintes notas sobre o termo:

Artesanato. 1.a arte e a técnica do trabalho manual não industrializado, realizado por artesão, e que escapa à produção em série; tem finalidade a um tempo utilitária e artística. 2.conjunto das peças da produção artesanal. 3. conjunto dos artesãos de um determinado gênero. 4.local onde se exerce ou ensina o artesanato. 5.produto final do trabalho feito pelo artesão. (HOUAISS; VILLAR, 2004, p. 307).

Na década de 60, foi criado o Conselho Mundial de Artesanato (WCC), uma organização sem fins lucrativos que objetivava reunir artesãos do mundo todo com o intuito de promover o artesanato. Tal iniciativa tem filiação no Brasil com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), e foi responsável por nortear várias pesquisas. No material produzido pelo Sistema SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (2010), que tem como orientação os conceitos propostos por esse conselho, entende-se que artesanato “[...] é toda a atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade”. (MASCÊNE, 2010, p. 12).

Encontramos ainda definições mais atuais. Segundo a portaria Nº 1.007, de 11 de junho de 2018, que trata sobre a instituição do Programa do Artesanato Brasileiro, cria a comissão nacional do artesanato e dispõe sobre a base conceitual do artesanato brasileiro, onde, no capítulo quarto, intitulado ‘Do Artesanato’, na seção primeira; artigo décimo nono, expõe que o “artesanato é toda produção resultante da transformação de matéria prima em estado natural ou manufaturada, através do emprego de técnicas de produção artesanal, que expresse criatividade, identidade cultural, habilidade e qualidade”. (BRASIL, 2018).

Como podemos perceber, um ponto em comum entre todas as definições expostas é que o artesanato não consiste apenas no trabalho manual em si, mas numa fusão. É o trabalho que envolve arte e técnica, que envolve um processo criativo e produtivo, possuindo assim, dimensões tanto econômicas como culturais a serem analisadas. Nas definições propostas no texto, observamos, também, uma

oposição do trabalho artesanal ao trabalho industrializado. Mas sob esse aspecto, trataremos com melhores detalhes na segunda seção deste capítulo, onde citamos a revolução industrial, o modelo de produção em série e o impacto na produção artesanal.

Em sua pesquisa, que trata do artesão e a economia do artesanato na sociedade contemporânea, Keller (2014), ressalta que

O trabalho do artesão não se define apenas pelo uso das mãos nem se reduz ao simples trabalho manual. Ele implica a capacidade de projetar e de criar objetos a partir de elementos da cultura, bem como o domínio do fazer ou domínio do labor, domínio do plano artesanal, ou, a arte do saber fazer aquele artefato em particular. (KELLER, 2014, p.330).

Nesse ponto, corroborando com as explicações conceituais acerca do artesanato, acreditamos ser necessário para entender com clareza o objeto de estudo de nossa investigação, traçar diferenciações entre os conceitos de artesanato, trabalho manual e arte popular, com a intenção de evidenciar o caráter híbrido do artesão e dos artigos que provém de seu trabalho, e alertar sobre a sutileza das distinções entre termos que facilmente poderiam se confundir.

De acordo com a atualização do sistema SEBRAE, Mascêne (2010), aponta que arte popular se configura como “[...] conjunto de atividades poéticas, musicais, plásticas e expressivas que configuram o modo de ser e de viver do povo de um lugar”. (MASCÊNE, 2010, p. 12).

Já para a conceituação de trabalhos manuais expõe:

Os trabalhos manuais exigem destreza e habilidade, porém utilizam moldes e padrões predefinidos, resultando em produtos de estética pouco elaborada. Não são resultantes de processo criativo efetivo. É muitas vezes, uma ocupação secundária que utiliza o tempo disponível das tarefas domésticas ou um passatempo. (MASCÊNE, 2010, p.13).

Dessa forma, o trabalho manual, diferente do produto artesanal, não carrega uma identidade cultural. Nesse sentido, podemos afirmar que todo trabalho artesanal é manual, pois requer uma habilidade manual para sua feitura, porém, nem todo trabalho manual se configura em artesanato. O ato de pensar, criar a peça, é o que difere o artesanato do trabalho manual, pois ao elaborar a peça, o artesão expressa suas vivências, uma parte do que ele é está ali na obra, reflexo do contexto social, é o que ele quer expressar para a sociedade através do seu trabalho. Diante disso,

pode-se alegar que o artesanato é uma forma de expressão da arte popular, capaz de fortalecer a construção de identidades culturais. A obra artesanal existe como forma de representação simbólica da cultura e se apresenta como registro de transmissão cultural.

Abordando os aspectos sociais do artesanato, Keller (2014, p. 324) coloca que “[...] o artesanato é concebido como um fenômeno heterogêneo, complexo e diversificado. Como uma forma de expressão cultural entre a tradição e a contemporaneidade”. No artesanato está evidenciada a identidade de um povo, a diversidade do país e suas origens, ou seja, apenas ao olhar para o objeto artesanal pode-se notar traços característicos daquela cultura. Instrumento revelador de aspectos importantes da sociedade. Não é a mera transformação das matérias-primas encontradas na natureza ou já processadas, é a identidade cultural que pode ser vislumbrada em objetos.

Porto Alegre (1994) coloca as seguintes palavras para demonstrar o caráter social e cultural da produção artesanal:

Talvez seja essa forte relação entre trabalho e modo de vida que atrai e fascina o observador, o fato de que os objetos produzidos revelam pedaços da vida diária, das práticas religiosas, das crenças, das festas das tarefas domésticas, da dura luta pela sobrevivência. (PORTO ALEGRE, 1994, p. 136).

Entretanto, não é menos importante evidenciar o caráter mercantil da produção artesanal, pois essa característica faz parte do que é o produto artesanal, que incorporada ao contexto das dimensões econômicas, atende aos interesses e dinâmicas de uma sociedade de consumo. Podemos observar que, atualmente, existe um número muito expressivo de pessoas que vivem do trabalho artesanal.

Em sua pesquisa, Silva (2011) traduz isso em números ao colocar as estatísticas fornecidas pelo governo, através de dados apurados pelo Programa do Artesanato Brasileiro - PAB (2002 *apud* SILVA, 2011, p. 48), onde constata que 8,5 milhões de pessoas vivem de artesanato no país.

Em contrapartida, Keller (2014), comenta sobre a dificuldade de estimar tais dados devido a informalidade da produção artesanal, justificando que muitas vezes o artesanato se configura como uma atividade complementar na vida das pessoas. Mesmo com a estimativa considerada imprecisa, sua pesquisa aponta o crescimento da atividade artesanal.

O termo de referência do SEBRAE (MASCÊNE, 2010) para o setor de artesanato apresenta dados obtidos a partir da pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Cultura no ano de 2006, que apuram um percentual de 64,3% dos municípios brasileiros como possuidores de algum tipo de produção artesanal. Essa estatística colocou o artesanato em posição de liderança em relação às outras manifestações culturais identificadas na pesquisa. Evidenciando que a produção artesanal tem grande valor na geração renda no Brasil, responsáveis por um movimento financeiro que chama atenção para a capacidade econômica do setor.

Outra característica que o torna um produto de destaque é que o artesanato se opõe a uniformização de produtos industrializados. Sendo assim, apresenta-se como um produto mercantil e simbólico.

Ao expor as distinções conceituais e terminológicas, podemos observar as dimensões sociais e culturais presentes na produção artesanal. O artesanato possui uma riqueza e diversidade enorme, por esse motivo é uma tarefa complexa defini-lo e classifica-lo. Justifica-se, também, uma empreitada árdua, pela infinidade de matérias-primas utilizadas nos processos artesanais, ou na gama de técnicas utilizadas.

Desse modo, compreende-se que cada produto artesanal possui variações, pois representa um conjunto de valores pessoais e exclusivos de cada artesão. Além disso, o artesanato constitui um produto com utilidades, o que determina a razão de sua existência.

Em síntese, com o intuito de ilustrar a complexidade e pluralidade das reflexões teóricas abordadas anteriormente, e de acordo com os materiais utilizados para referencial teórico acerca de artesanato, colocamos as seguintes premissas quanto a classificação da produção artesanal.

De acordo com o capítulo quarto da portaria 1.007, de 11 de junho de 2018 (BRASIL, 2018), um dos principais materiais legais norteadores atribuídos ao artesanato no Brasil, a classificação da produção artesanal pode se dar conforme sua origem, no que se diz respeito às raízes culturais (artesanato tradicional, arte popular, artesanato indígena, artesanato quilombola, artesanato de referência cultural e artesanato contemporâneo-cultural), ou segundo as suas finalidades (adornos, enfeites, decorativos religiosos, utilitários etc.). Nesse documento

encontramos, também, uma lista bem detalhada, com especificações, em seus anexos I e II, o rol de tipologias das matérias-primas e rol de técnicas artesanais.

Já no termo de referência do SEBRAE (MASCÊNE, 2010), outro documento tomado como base para esse estudo, as categorias dos produtos artesanais são definidas de acordo com seu processo de produção, sua origem, uso e destino.

Com o entendimento sobre a tipificação do artesanato, verificamos as formas as quais o artesanato encontra para se legitimar e institucionalizar dentro da sociedade, além de revelar essa característica heterogênea que se torna fundamental para entender as dimensões sociais, culturais e econômicas do artesanato.

Entretanto, para entendimento do complexo elemento de nosso estudo, é necessária uma contextualização não só das definições, caracterização e classificação que envolvam a produção artesanal, mas como ela foi inserida no Brasil, especificamente no estado do Ceará, e como ela se apresenta no meio urbano da cidade de Fortaleza, que é onde se situa nosso campo de investigação.

## 2.2 ARTESANATO NO BRASIL E NO CEARÁ

Fazendo-se uma retrospectiva histórica do surgimento e reconhecimento do artesanato no Brasil, podemos observar que as primeiras demonstrações da produção artesanal se originam das culturas indígenas, quilombolas e oriundas das raízes europeias, frutos das colonizações.

Martins (1973 *apud* Duarte *et al.*, 2015) comenta que “nos primeiros anos de colonização do Brasil, o estímulo ao desenvolvimento de oficinas artesanais partiu da necessidade de produzir objetos funcionais, e como consequência, a iniciativa se popularizou e multiplicou a presença de comunidades rurais e urbanas.” (DUARTE *et al.*, 2015, p. 14).

Sabe-se que o primeiro projeto sistematizado de formação de mão de obra artesã foi implantado com o processo de colonização portuguesa, influenciado pelos modelos de corporações de ofício.

Entretanto, foi devido às inovações industriais ocorridas na Europa, e suas repercussões para os países colonizados, que o artesanato passou a ser visto como ele é; nesse período ocorreram profundas transformações que deram origens a novas dinâmicas para produção artesanal e a indústria doméstica. Quando trata

sobre o artesão neste contexto, Porto Alegre (1994, p. 27), cita que “[...] formou-se aqui uma categoria híbrida, marcada pela origem das classes”. Este marco, que norteou os conceitos já abordados anteriormente no trabalho, teve como consequência uma certa desvalorização da produção artesanal, à medida que os conceitos de artista e artesão se distanciaram, aliado à valorização crescente dos novos aparatos tecnológicos da produção seriada.

Com a Revolução Industrial e a consequente automatização do processo produtivo, o artesanato passa a existir como uma forma de oposição ao modelo de produção industrial. Dessa forma, a originalidade dos produtos artesanais os difere dos industrializados, transformando-os em um elemento singular. Dessa maneira, o artesanato, então, não só se estabelece como forma de sobrevivência de grupos sociais marginalizados, excluídos dos esquemas da industrialização, como também constitui mecanismos de resistência cultural.

De acordo com Duarte *et al.* (2015, p.14), o reconhecimento formal do artesanato somente ocorreu a partir de 1950, onde as iniciativas governamentais procuravam incluir a atividade artesanal no planejamento econômico nacional e viabilizar as discussões da problemática da atividade artesanal. Tal iniciativa foi impulsionadora de diversos projetos, tanto na esfera pública como privada, que tinham como objetivo resgatar e disseminar as técnicas artesanais no país.

Um fato marcante no processo de reconhecimento a nível nacional, e incentivo das atividades ligadas ao artesanato, foi a criação do Programa do Artesanato Brasileiro - PAB, em 1991. Originalmente vinculado ao Ministério da Ação Social, o PAB objetivava coordenar e desenvolver atividades de valorização do artesão brasileiro, elevando o seu nível profissional e econômico, além de desenvolver e promover o artesanato em todas as suas dimensões.

Destaca-se, também, algumas ações que partiram da iniciativa privada, como a criação do Programa SEBRAE de artesanato, que atuavam com objetivos similares aos aparatos do governo.

Entretanto, a profissão de artesão só passa a ser regulamentada em 2015, através da Lei 13.180. A partir daí, foram estabelecidas as políticas públicas dirigidas à categoria e definidos os parâmetros para o exercício da atividade.

Uma conquista para o universo artesanal ocorreu em 2018, com a publicação da Portaria nº 1.007, do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, que

dispõe sobre a base conceitual do artesanato brasileiro, institui o Programa do Artesanato Brasileiro e cria a Comissão Nacional do Artesanato.

Em dados mais recentes, a Pesquisa de Informações Básicas Municipais – Munic.<sup>2</sup>, de 2018, divulgada pelo IBGE, trouxe um bloco sobre o tema cultura, abordando alguns dos principais aspectos para caracterizar as estruturas e a atuação dos executivos municipais na área. Nesse documento, observa-se que apesar do número de equipamentos culturais mantidos pelo poder municipal revelar uma queda entre 2014 e 2018, nesse âmbito, houve aumento dos quantitativos relacionados aos centros de artesanato (IBGE, 2019).

O artesanato acompanhou a evolução da sociedade brasileira, adaptou-se às mudanças guiadas em parte pela economia e condições sociais de trabalho, desenvolvendo-se de forma natural. No cenário atual, a produção artesanal vem ganhando maior visibilidade nas políticas públicas e iniciativas privadas, fato que se atribui, principalmente, pela capacidade de promover a preservação cultural e inclusão social.

A nível regional, especificamente sobre a atividade artesanal no nordeste, no livro “Mãos de Mestre: itinerários da arte e da tradição”, Porto Alegre (1994, p. 13), assinala “[...] que foi no Nordeste que o artesanato conseguiu se conservar por mais tempo como um trabalho relativamente bem-conceituado, muito embora sem alcançar remunerações que mantivessem um status econômico satisfatório”.

O Ceará apresenta-se com uma riqueza e diversidade de produtos artesanais que o coloca em lugar de destaque nacional. Santos (2007) nos lembra da grande miscigenação de saberes no período colonial,

O artesanato cearense tem suas raízes no período pré-colombiano, iniciado pelos índios. Estes usavam produtos como argila e palha, na feitura de instrumentos de uso cotidiano. Com a colonização e a vinda dos jesuítas, este artesanato foi enriquecido, diversificou-se a matéria-prima e as técnicas de fabricação. (SANTOS, 2007, p.54).

O fortalecimento da atividade artesanal como fator de sobrevivência das camadas mais pobres da população, segundo Silva (2011), aconteceu devido ao

---

<sup>2</sup> Consiste em um levantamento detalhado de informações sobre a estrutura, a dinâmica e o funcionamento das instituições públicas municipais, divulgada pelo IBGE, que ajuda na consolidação de uma base de dados estatísticos e cadastrais atualizados, com periodicidade anual, para avaliação e monitoramento dos quadros municipais. (definição feita a partir do site do IBGE [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)) acessado em 19 de novembro de 2019.

processo migratório ocasionado pelas transformações econômicas ocorridas no período das exportações de algodão. A falta de políticas governamentais juntamente com as condições climáticas desfavoráveis à sobrevivência, ocasionaram um fluxo migratório e conseqüente empobrecimento da economia do estado.

Ainda conforme a autora, a atividade artesanal no estado só ganhou destaque em 1990, com a inauguração da Central de Artesanato do Ceará (CEART). Esse órgão é vinculado ao Governo do Estado do Ceará, à Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social - STDS, e promove iniciativas de implementação do artesanato nos municípios do estado, com atividades de capacitação semelhantes às desenvolvidas pelo SEBRAE.

Sua atual sede localiza-se no município de Fortaleza, capital do estado, sua disposição física é composta por parte administrativa, onde funcionam os setores de cadastramento e capacitação dos artesãos e uma galeria/loja com produtos de diversas tipologias artesanais disponibilizados pelo sindicato do artesão.

No que diz respeito a cidade de Fortaleza, em relação aos espaços de comercialização da produção artesanal, podemos mencionar o Centro de Turismo do Ceará (popularmente conhecido como Emcetur), o Mercado Central, a CEART, o Espaço do Artesão, e diversas feirinhas de artesanato espalhadas pela cidade, dentre as quais destacamos a Feirinha da Beira-Mar, a Feirinha do Dragão do Mar e a Feira de Pequenos Negócios de Fortaleza.

Com essa breve contextualização, notamos que entre as modificações sofridas na organização das atividades artesanais, desde o período colonial, destaca a sua flexibilidade de adaptar-se às facetas da economia nacional e às configurações sociais. Dito isto, indagamos: será que os processos de execuções das técnicas e transmissão dos saberes, também acompanharam toda reviravolta histórica com o surgimento da dita sociedade em Rede?

Apresentaremos, na próxima seção do trabalho, como ocorreram as rupturas com as formas tradicionais de interagir, da era da oralidade para a nova disposição das relações sociais, com a globalização e o surgimento de tecnologias que relativizam os limites geográficos, aproximando e facilitando o acesso à uma gama frenética de informações, para então entendermos a apropriação dessas novas conformações para as dinâmicas dos processos artesanais.

### **3 DA TRADIÇÃO E ORALIDADE À CIBERCULTURA E REDES SOCIAIS NA INTERNET**

No capítulo anterior, vimos que o artesanato, dentre as suas características é em essência um elemento de representação simbólica da cultura, capaz de carregar consigo uma identidade cultural, e por isso, toda a sua feitura está carregada de costumes e tradições que existem desde o surgimento da humanidade e foram tomando formas de acordo com as características do meio no qual estão inseridas.

Tomamos ciência, também, sobre as profundas mudanças estruturais e a questão da marginalização da profissão de artesão que se originaram devido a grandes mudanças ocorridas na sociedade resultantes da revolução industrial.

Ocorre que em meados dos anos 60 começou-se a desenvolver o que se conhece por internet. Assim, surgiu mais uma grande mudança nos modos de se relacionar dos seres humanos. Diante disso, para analisarmos as transformações sofridas pelas interações sociais frente a esse novo modelo de organização social mundial e os fenômenos técnicos e informacionais envolvidos, precisamos nos situar quanto a conceitos do que seriam a tradição e cultura oral, elementos esses que são diretamente ligados aos estudos sobre artesanato, buscando oferecer subsídios teóricos para a problemática a nível macro de análise social.

#### **3.1 TRADIÇÃO, ORALIDADE E INSERÇÃO NO CIBERESPAÇO**

Ao analisar o que vem a se configurar como tradição na sociedade, Hobsbawm (1984) expressa que a sua característica mais marcante é a invariabilidade. No sentido que “[...] o passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição” (HOBBSAWM; RANGER, 1984, p. 11). Essa afirmativa vale tanto para as tradições mais antigas como para as tradições ditas inventadas. O entendimento dessas tradições esclarece bastante as relações humanas com o passado, o que vem a ser de fundamental importância para nosso objetivo em compreender as transformações sociais ocorridas durante a história da humanidade.

Ao investigar a natureza dessas tradições inventadas precisa-se ter em mente quais são as características que as diferem das velhas tradições de caráter imutável.

Nesse sentido, Hobsbawm (1984) esclarece que as tradições inventadas são os processos de formalização, exprimida pela sociedade através de rituais, como uma forma de se remeter ao passado, carregando uma ideia de continuidade de costumes, imposto pela repetição. O desenvolvimento de tais práticas inventadas acontece devido a ressignificação de antigas tradições, seja pela inserção de novos elementos simbólicos nessas tradições pré-existentes, ou, pela total ruptura dessas antigas tradições, devido a não adaptação dessas práticas aos contextos em que elas estão inseridas.

Diante disso, o autor caracteriza as tradições inventadas por:

Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social (HOBSBAWM; RANGER, 1984 p.11).

Em sua pesquisa o autor faz duas distinções bastante importantes para compreensão dos termos. Em um primeiro momento, ao tratar sobre o conceito de costume e diferenciá-lo da definição de tradição. Mesmo nas sociedades mais tradicionais o costume não pode ser invariável. Costume caracteriza-se por ser algo flexível, mas, ao mesmo tempo, faz alusão ao passado. A ruína de certos costumes diretamente implica em alterações nas tradições as quais ele se liga.

A segunda distinção importante, citada em seus escritos, envolvem os conceitos de tradição e rotina. O autor expõe que o que se configura como rotina não carrega nenhum valor simbólico, embora possa adquiri-lo, no sentido de que elas são adaptações técnicas, ou seja, são elementos puramente práticos e não ideológicos. As rotinas e costumes surgem para facilitar os processos técnicos e podem se moldar ou deixar de existir de acordo com as transformações oriundas de necessidades práticas.

O artesanato como forma de expressão da cultura de um povo tem sido elemento fundamental para a valorização das identidades locais, e que carrega certas tradições. Em sua rica e longa pesquisa, desenvolvida no Estado do Ceará, em mais de 10 anos mantendo contato com artesãos do Ceará, Porto Alegre (1994), buscando sempre considerar a visão do próprio artesão, fez a seguinte constatação: “[...] ao mesmo tempo em que ocorreram profundas mudanças no plano das

relações estruturais da sociedade, existem elementos de continuidade e permanência no plano das relações internas de trabalho e da sua base técnica [...]”. (PORTO ALEGRE, 1994, p. 28).

Essa relação entre artesanato e tradição faz com que erroneamente criemos associações dos artesãos com uma sociedade imutável que se opõe ao novo. Entretanto, visto que o estudo das tradições não pode ser dissociado do contexto mais amplo da história da sociedade, notamos que o fazer artesanal sofreu várias rupturas, desde as organizações nas corporações de ofício e mestres artesãos ao deslocamento dos fazeres artesanais para o contexto doméstico, depois da revolução industrial. Percebemos assim que as modificações nas manifestações populares, rotinas, costumes, tradições, são reflexos da vida contemporânea a elas.

Segundo Hobsbawm (1984), as mudanças das tradições ou a invenção de novas tradições se justifica quando:

[...] uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as “velhas” tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta (HOBBSAWM; RANGER, 1984 p.13)

Dessa forma, fica claro que as tradições se adaptam quando se é necessário, conservando velhos costumes em novas roupagens ou para adaptá-los a novas conformidades sociais. Entretanto, para que essas novas tradições sejam aceitas, precisam passar por todo um processo de ritualização e institucionalização.

Levando em conta a perspectiva da evolução das técnicas de transmissão dos saberes, das formas de se comunicar e as repercussões disso na vida humana, percebemos que um dos pontos marcantes no artesanato é a questão da transmissão oral das técnicas e fazeres artesanais. Para entender as configurações atuais é preciso entender a passagem das culturas orais às culturas escritas, e depois para o processo de inserção no ciberespaço e a formação de uma cibercultura, porém deixando claro que esse movimento de transação não implica no desaparecimento ou extinção do “velho” ao “novo”.

O ser humano é um ser social, e por isso depende das interações que ele realiza com os outros e com o meio em que vive para garantir sua sobrevivência. O

modo oral de comunicação e transmissão dos saberes é a forma mais antiga da humanidade se relacionar e repassar informações e conhecimento, com o intuito de atender às demandas das diversas esferas que envolvem as complexidades humanas.

Em tempos longínquos, quando a humanidade engatinhava, a oralidade possuía uma espécie de prestígio social, pois considerava-se uma espécie de dom, desde a habilidade bem conceituada da arte da retórica, às culturas dos impérios asiáticos e as tribos africanas.

Em seus estudos sobre a evolução das tecnologias intelectuais, Pierre Lévy (1993) faz alusão a dois tipos de oralidade, a oralidade primária e a secundária. Onde ele coloca que “[...] a oralidade primária remete ao papel da palavra antes que uma sociedade tenha adotado a escrita, a oralidade secundária está relacionada a um estatuto da palavra que é complementar ao da escrita, tal como o conhecemos hoje.” (LÉVY, 1993, p. 77)

Com o passar do tempo e o desenvolvimento de outras tecnologias da inteligência, como a escrita, os mais letrados passaram a desvalorizar esses saberes transmitidos através das narrativas. Esse fato está diretamente ligado a uma característica marcante dessas sociedades de oralidade primária, que é se basear apenas na memória de cada pessoa. Explicitamos melhor, todos os ofícios e saberes eram transmitidos escutando os mais velhos, ou seja, através da capacidade auditiva e dos processamentos das memórias de curto e longo prazo é que os conhecimentos eram acessados. Isto é, a humanidade contava apenas com a memória, as lembranças, para reter e transmitir os saberes que perdurariam.

Visto que a memória humana é extremamente sensível, os processos eram limitados, cada coisa que gostaria de passar dependia de complexas associações de valores simbólicos; além disso, só seriam capazes de perdurar pelo fato da repetição. Uma frase de Pierre Lévy (1993) retrata a questão da repetição na sociedade oral, essa característica de “retorno ao início”, onde “[...] nada é transmitido sem que seja observado, escutado, repetido e imitado.” (LÉVY, 1993, p. 84)

Percebemos que a oralidade tem uma persistência e permanência, pois as maneiras de ser continuam a existir independentes da escrita e do meio de comunicação eletrônico. Que é o caso do artesanato, onde se percebe uma tradição muito forte ligada à oralidade na transmissão de saberes e de se fazer artesanato,

seja através de familiares, ou colegas artesãos, ou mesmo por cursos ofertados por instâncias públicas ou privadas (uma nova roupagem das corporações de ofício?) se percebe um eixo de continuidade da oralidade, apesar das rupturas.

Em sequência as sociedades orais, observamos o surgimento da escrita como fator determinante na mudança de transmissão de saberes e na comunicação.

Com a tecnologia da escrita, ocorreu a fixação dos saberes no espaço, no sentido de que os discursos e as ideias foram separados das circunstâncias em que foram produzidos. Ocorreu também uma ruptura nos processos de mediação humana. Pela primeira vez, aconteceu uma quebra na relação de quem faz a mensagem e quem recebe, proporcionando uma liberdade de tirar suas próprias conclusões sobre a mensagem. Possibilitada pela tecnologia da escrita, aconteceu uma ascensão do gênero teórico, ocasionada por essa distância entre autor e leitor, nesse contexto, a ciência adquiriu o status de modo de conhecimento dominante.

Nesse processo, a notação escrita torna mais fácil o repasse de informações e conhecimentos, colocando uma nova forma de estender a memória social à disposição da humanidade, “O saber está lá, disponível, estocável, consultável, comparável.” (LÉVY, 1993, p. 95).

Outro ponto marcante ao longo da história das tecnologias do saber, foi o fenômeno da impressão. Os manuscritos começaram a ser impressos com a invenção da imprensa por Gutemberg no século XV, que mudou profundamente os modos de transmissão dos textos, possibilitando a associação e comparação de muito mais ideias que nos períodos anteriores. As transformações do livro impresso, que a princípio nem possuíam estrutura lógica e classificatória, e com o manuseio limitado, até às configurações que os tornaram possíveis de se carregar no bolso para se transportar consigo, proporcionaram uma nova forma cognitiva.

Ao observar a evolução da humanidade, Pierre Lévy (1993) expressa uma visão condicionante das tecnologias, entende-se aqui uma visão de tecnologia mais ampla, que não se limita às associações ao ciberespaço e inovações depois do surgimento dos computadores. Condicionante no sentido de que a existência das tecnologias permitem possibilidades que não seriam imagináveis na sua ausência ou não utilização, ou seja, elas permitem condições para novas possibilidades, porém, não são dispositivos determinantes, no sentido de que são instrumentos subjetivos, capazes de serem “[...] interpretados, desviados ou negligenciados.” (LÉVY, 1993, p. 97).

No contexto da escrita, o artesanato além de ser caracterizado pela produção de objetos utilizados no dia a dia, também passou a ser passível de reflexões e estudos, muitos foram os materiais impressos disseminados contendo técnicas e estudos sobre esse fazer milenar. Isso proporcionou uma maior expansão dos saberes e disseminação das diversas tipologias do artesanato pelo mundo, fato que está diretamente ligado a institucionalização e fortalecimento do segmento no contexto atual.

Mesmo inseridas em uma sociedade em que a escrita se sobrepõe a oralidade, as pessoas, para além das instituições formais, que fazem parte da realidade do mundo do artesanato, no cotidiano, continuam sob forte influência da transmissão oral, ou seja, a transmissão do conhecimento, muitas vezes, permanece ligada à fala dos mais experientes. Percebe-se, dessa maneira, que a oralidade permanece viva, mesmo, às vezes, sendo desvalorizada em algumas instâncias.

O surgimento e desenvolvimento de novas tecnologias provoca, nessas categorias, processos de transformação e adaptação, mas geram também um movimento de resistência, de sobrevivência e manutenção das tradições. Como se vissem uma ameaça ao seu ofício estabelecido.

Ocorre que, esse processo de evolução das formas técnicas - oral, escrita e digital - não acontece por rompimento total ou sumiço, mas por deslocamento de focos de importância dada. “O saber oral e os gêneros de conhecimento fundados sobre a escrita ainda existem, é claro, e sem dúvida irão continuar existindo sempre.” (LÉVY, 1993, p. 10).

Nesse sentido, para abordar as mutações sociais e culturais do fazer artesanal nos últimos anos, é importante considerar os eventos que deram nova formatação ao mundo, o surgimento dos computadores, da internet e a construção das redes sociais na internet.

O surgimento dos primeiros computadores, datados em meados dos anos 40, foi diretamente ligado às ferramentas desenvolvidas com objetivos bélicos, impulsionadas pela segunda guerra mundial.

O computador, a princípio usado por militares para resolver cálculos científicos, sofreu uma mudança radical, que se deu nos anos 70, com o desenvolvimento da microeletrônica e a capacidade de se ‘colocar’ o computador dentro de um chip, fato que impulsionou diversos processos econômicos e sociais em escalas inimagináveis.

Nos anos 80, com a invenção do computador pessoal, a informática foi perdendo a exclusividade de uso para o setor industrial e militar e começou a se fundir também às telecomunicações.

A primeira rede de computadores, que se chamava ARPANET, esboço da arquitetura básica da internet, foi desenvolvida durante os anos 60 e 70, através de projeto financiado pelo exército americano. Essa rede permitia a transmissão de dados entre computadores e acelerava a troca de informações. Contudo, essa não foi a única base para a internet que se tem hoje. O movimento de interligação informática autônoma e alternativa, que surgiu em finais dos anos 70, realizados pela ligação em rede de computadores pessoais também foi trivial para a construção da internet.

O grande salto tecnológico, que permitiu a abrangência global da rede das redes, se deu nos anos 90, com a criação de um aplicativo que permitia a difusão da internet na sociedade em geral, criando uma teia mundial, o *world wide web* (WWW).

De acordo com a visão de Castells (2004), da internet como tecnologia e como prática social, “[...] a internet é uma rede de comunicação global, mas os usos da internet, a sua realidade em contínua evolução é o produto da ação humana, perante condições específicas de uma história diferenciada.” (CASTELLS, 2004, p. 22).

Castells (1999), em seus estudos sobre o surgimento e expansão da internet e os efeitos que isso implica na sociedade, relatou que as inúmeras possibilidades tecnológicas disponíveis e em constante evolução nesse período refletiram em profundas mudanças, não só no âmbito da tecnologia. Como observado a seguir:

Essa versatilidade extraordinária e a possibilidade de aumentar a memória e os recursos de processamento, ao compartilhar a capacidade computacional de uma rede eletrônica, mudaram decisivamente a era dos computadores nos anos 90, ao transformar o processamento e armazenamento de dados centralizados em um sistema compartilhado e interativo de computadores em rede. Não foi apenas todo o sistema de tecnologia que mudou, mas também suas interações sociais e organizacionais. (CASTELLS, 1999, p. 80)

Diante desse contexto, da revolução da internet, experimentamos novas formas interativas e comunitárias de comunicação, sociabilidade, organização mercadológica e produção de conhecimento. Onde as tecnologias digitais surgiram como infraestrutura para o que se conhece por ciberespaço.

Para Pierre Lévy (1999), a emergência desse novo espaço de interação, o ciberespaço, ocorreu no fim dos anos 70, com a utilização dos computadores no contexto pessoal. Aconteceu um imenso movimento social, que tinha em sua dianteira jovens escolarizados, que queriam experimentar novas formas de se relacionar e tomar para utilização dos indivíduos uma tecnologia que era monopolizada. Ansiavam explorar um espaço de encontro de compartilhamento de intervenção coletiva. Segundo o autor, o computador pessoal fez surgir “[...] o ciberespaço como prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária, o ciberespaço como horizonte de mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual cada ser humano pode participar e contribuir”. (LÉVY, 1999, p. 126).

O conceito de ciberespaço, que levamos em consideração para elaboração dessa pesquisa, foi o desenvolvido por Pierre Lévy (1999), que o define como:

[...] novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 1999, p. 17).

A partir dessa perspectiva, em que os computadores deixam de ser vistos apenas para trabalho, mas como instrumentos que possibilitam interação social e o compartilhamento de informações nas redes colaborativas da internet, observou-se drásticas mudanças na forma de relacionamento humano, que se configuram nos princípios que orientam o ciberespaço: interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva.

Para Lévy (1999),

Cada um dos três aspectos constitui a condição necessária para isto: não há comunidade virtual sem interconexão, não há inteligência coletiva em grande escala sem virtualização ou desterritorialização das comunidades no ciberespaço. A interconexão condiciona a comunidade virtual, que é uma inteligência coletiva em potencial. (LÉVY, 1999, p. 133).

A utilização dos computadores modificou todo o modo de realizar as atividades humanas e isso alterou todas as dimensões sociais, até mesmo a maneira de pensar. Segundo Lévy (1993), são nessas minúcias, de aquisição de novas técnicas, que se baseiam as profundas mudanças, “[...] é talvez em pequenos

dispositivos 'materiais' ou organizacionais, em determinados modos de dobrar ou enrolar os registros que estão baseadas a grande maioria das mutações do 'saber'." (LÉVY, 1993, p. 34).

No mundo dos dispositivos eletrônicos digitais, onde somos testemunhas da incrível velocidade das mudanças e da inexistência de fronteiras de distância, formou-se um espaço móvel e mutável onde se foi possível representar o cotidiano dos indivíduos virtualmente, uma extensão do real. Esse novo lugar ocupado e as novas interações que ocorrem lá possuem suas características e estruturas próprias. Diferente das mídias tradicionais, como a tv ou o rádio, em que apenas se reagia de maneira passiva, o ciberespaço possui como ponto marcante a interatividade.

Uma técnica, no sentido das formas de fazer do ser humano, é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade é impulsionada pelas técnicas de que faz uso. Dessa forma, não se pode falar de tecnologia e cultura separados, partindo da ideia que nós criamos as tecnologias e as tecnologias nos recriam. Nós nos tornamos participantes e criadores a partir do momento em que ligamos nossos computadores e podemos ser assim influenciados pelo seu uso.

O ambiente universal e a mistura de elementos que representam as realidades humanas dos diversos locais do mundo, que apareceram a partir do surgimento do ciberespaço, deu lugar a Cibercultura. Segundo Pierre Lévy (1999, p. 17), a cibercultura "[...] é o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço." Isto é, a cibercultura, surgiu através da internet, seu elemento chave, e das conexões que fazem parte dela.

A relativização dos espaços geográficos tornou o ciberespaço um lugar universal, mas um universal sem totalidade, no sentido de que ele se mantém um espaço que agrega o heterogêneo, unindo várias comunidades virtuais num único espaço. Mesmo possuindo esse caráter universal, não quer dizer que ele seja neutro ou sem consequência, levando em conta que são notórias as repercussões na atividade econômica, política e cultural.

Dessa forma, por agregar e explorar todas as riquezas humanas que existem na população, e cada pessoa com qualidades e habilidades específicas na sociedade, nem sempre valorizadas no meio em que vivem, no ciberespaço ganham outro valor. O ciberespaço se apresenta como local privilegiado para o processo de aquisição e construção do conhecimento. Capaz de aumentar a autonomia dos

indivíduos e multiplicar sua capacidade cognitiva, através de um dispositivo interativo e comunitário. Faz-se assim suporte para um dos motores da Cibercultura, a inteligência coletiva.

Da interconexão de comunidades virtuais, possibilita-se uma melhor colaboração entre as pessoas, ou seja, por meio da internet fica possível membros de uma coletividade tornarem visíveis suas competências e habilidades, de tal forma que esse grupo possa recorrer a essas capacidades, existe aí um intercâmbio entre os membros. Onde juntos vão debatendo e através desse compartilhamento se forma progressivamente uma memória coletiva, oriunda das interações realizadas por esses membros.

A cibercultura é, assim, um organismo vivo que se baseia nas relações de intercâmbio e aprendizagem cooperativa, onde os laços sociais formados pelas comunidades virtuais não são mais determinados pela questão geográfica, mas de acordo com os gostos de cada indivíduo que participa dessas comunidades.

Hoje, o ciberespaço encoraja um estilo de vida e maneira de se relacionar que independente de barreiras geográficas e temporais, na palma da mão, através de computadores, *tablets* e celulares, capazes de acessar a internet, é possível estar em contato com a memória coletiva que é construída em tempo real.

Uma das características marcantes da realidade do ciberespaço se configura na velocidade com que os conhecimentos aparecem e depois tornam-se obsoletos. Alguns anos atrás, em muitas profissões, os conhecimentos aprendidos perduravam e poderiam ser transmitidos para seus filhos ou aprendizes. Hoje, além de se notar profissões que deixaram de existir, cada vez mais ciclos de renovação dos conhecimentos acontecem, visto que todas as atividades humanas são afetadas pela informatização, e que quase todas as profissões estão conectadas com a tecnologia, percebemos que pertencemos a um ciclo que está em contínua transformação.

Pierre Lévy (1999) nos traz uma visão otimista sobre a utilização das tecnologias, mas não exclui que pensemos sobre os problemas que a envolve, como também ele não sugere que os problemas da sociedade serão resolvidos pela internet. O que ele nos propõe, e no que se baseia essa investigação, é a ideia de uma mente aberta às novidades, cabe-nos explorar as potencialidades positivas do ciberespaço.

Entretanto, o estar aberto a utilizar o novo, não é uma maneira de se apagar as tradições e formatos que já existem, é um agregar, e de certa forma é sim um modificar, pois de certo que uma sociedade que modifica suas técnicas será modificada por elas também. E é nesse contexto, de interesse dos campos de investigação das ciências da informação, que o artesanato enquanto representação cultural e produto econômico se insere.

É diante dessas novas maneiras de estarmos no mundo, e dos artifícios que dispomos para nos comunicar e interagir uns com os outros, que cabe aos artesãos explorar os novos espaços. Não queremos dizer que o artesanato do futuro será o artesanato gerado através da mediação das possibilidades dispostas pelo ciberespaço, o artesanato da forma mais tradicional que avistamos, pode e vai continuar resistindo, mas é preciso compreender que uma direção interessante para se projetar é aquela que se utiliza dos novos meios técnicos virtuais para existir.

### 3.2 REDES SOCIAIS NA INTERNET

No mundo contemporâneo, quando se ouve falar na expressão redes sociais é muito comum fazer uma associação às ferramentas disponibilizadas no meio virtual, os Sites de Redes Sociais (SRS). Entretanto, o termo não se limita somente as interações realizadas através dos aparatos tecnológicos, as redes sociais existem desde que o homem desenvolveu o ato de se comunicar e se relacionar coletivamente, pois elas se definem através das interações e relações que os indivíduos efetivam uns com os outros.

Segundo Nunes (2014),

[...] as redes sociais podem ser descritas como estruturas dinâmicas e complexas compostas por pessoas com valores e objetivos - em alguma medida - compartilhados, ligadas umas às outras através de laços construídos geralmente de forma descentralizada. (NUNES, 2014, p.130).

A grosso modo, se constitui em uma relação entre um conjunto de atores e conexões. Muitas das redes sociais existem independentemente da tecnologia. A tecnologia possibilita uma potencialização delas, principalmente quando os obstáculos geográficos impedem uma relação mais próxima.

Uma das mudanças vividas pelo advento da internet foi a possibilidade de sociabilização mediada pelo computador. Desde seu surgimento, e a invenção de inúmeros sites de redes sociais, as mais diversas opções agregando diferentes maneiras de interagir, percebemos um crescimento contínuo da utilização dessas ferramentas do ciberespaço pela sociedade. Para que possamos obter um entendimento desse fenômeno tecnológico é fundamental que se coloque esclarecimentos quanto a essência dos sites de Redes sociais, saber como funcionam, quais as características e como são classificadas.

Segundo Recuero (2011), os elementos que fazem parte dessas novas interações são: os atores - trata-se das representações das pessoas, organizações ou grupos sociais envolvidas na rede que se analisa - e as conexões - que são as interações, relações e laços sociais que os atores estabelecem entre si ou com outras redes.

Todas as interações virtuais são percebidas através de rastros deixados no ciberespaço, sejam publicações, comentários, curtidas e podem ser de vários tipos e intensidades e que tendem a ficar gravados nesse espaço. Esse fato nos mostra que as redes sociais não estão estáticas, são dinâmicas e estão sempre em transformação. Tais transformações são influenciadas pela interação dos atores das redes. Para Recuero (2011), os processos que compõem as redes sociais são dinâmicos e dependentes do contexto em que estão inseridos. “Essas redes são, quase sempre, mutantes e tendem a apresentar comportamentos criativos, inesperados e emergentes”. (RECUERO, 2011, p. 92)

Os processos sociais que influenciam as redes podem ser de naturezas diversas como a cooperação, competição e conflito. A partir deles, ocorrem dinâmicas como a capacidade de agregar ou a de ruptura de indivíduos dentro das redes.

As redes sociais na internet constituem-se, portanto, das migrações das relações do mundo real físico, o que vivem as pessoas, para a esfera do virtual que elas se projetam. Esse meio se constitui de relações complexas e híbridas.

Ao tratar dos tipos de Rede Sociais na Internet, Recuero (2011) coloca que,

[...] a expressão das redes sociais na internet pode ser resultado do tipo de uso que os atores sociais fazem de suas ferramentas (sites de redes sociais). Portanto, as redes sociais analisadas na internet podem ser de dois tipos: as redes emergentes e as redes de filiação ou redes de associação. (RECUERO, 2011, p. 94).

As redes emergentes são aquelas que se constituem a partir da interação dos atores, o que significa que é necessário que exista a atuação do ator social na rede. Somente a partir das trocas de mensagens mediadas pelo computador e pelas trocas estabelecidas entre os atores é que se formam esses tipos de redes. As redes de filiação são constituídas por atores e grupos. Se relacionando não pela interação, mas pela conexão de pertencimento, não carecendo de tantos esforços por parte dos atores para serem mantidas.

Essas redes sociais foram possibilitadas, principalmente, por uma mudança estrutural da internet, que passou a ser vista como plataforma, com uma essência online. Uma nova configuração de comunidades e serviços, denominada web 2.0. Esse termo surgiu em 2004, para se referir a ambientes virtuais onde os usuários criavam conteúdos tanto quanto os consumia. O foco era a colaboração entre usuários, e não apenas a publicação de conteúdos.

Segundo Nunes (2014),

Mais à frente, uma nova fase da web, apelidada de 2.0, veio a proporcionar aos seus utilizadores formas diferentes de se relacionar com a informação. Isso decorre principalmente, dos diversos tipos de interatividade que emergiram na rede a partir de suas ferramentas, dentre elas, os blogs e sites de redes sociais. (NUNES, p.144).

A essência da Web 2.0 se definia na facilidade da publicação e rapidez no armazenamento, tendo como principal objetivo fazer da Web um local de interação social acessível a todos os utilizadores, onde cada um seleciona a informação de acordo com suas necessidades e anseios.

Essa nova configuração promove a colaboração e o compartilhamento do conhecimento de forma coletiva e de maneira descentralizada, concedendo liberdade para os participantes utilizarem e alterarem conteúdos. O que faz referência a formação da inteligência coletiva, defendida por Pierre Lévy (1999), possibilitando a construção do conhecimento de modo significativo e o desenvolvimento de habilidades pessoais.

Qualquer que seja a versão de web, sua característica de ser aberta é o que favorece a interação entre seus utilizadores. No contexto atual, o uso das redes sociais tem crescido constantemente no mundo inteiro, não apenas pessoas com seus anseios individuais, mas grupos, empresas e outras estruturas invadem esses

espaços como uma maneira de se adaptar às novas dinâmicas proporcionadas pela internet.

Quem não possui um perfil em um site de rede social, muitas vezes é tido como estranho ou antiquado. Uma empresa que não possui um perfil comercial nos aplicativos de redes sociais está perdendo um grande nicho para ser explorado, e dessa forma pode ficar para trás em relação às marcas com mais visão de futuro que conseguem se projetar no mercado, divulgando seus produtos e se relacionando com um número cada vez maior de pessoas. De acordo com uma visão sistêmica, podemos compreender os fenômenos em sua totalidade e não como independentes uns dos outros, observar as pessoas que interagem umas com as outras para conectar-se sob a mediação tecnológica.

O relatório digital 2019, feito pela agência *We Are Social*, em parceria com a plataforma *Hootsuite*, duas empresas especializadas em marketing digital de dimensão mundial, que produzem relatórios anuais globais referentes à temática, apontou que 66% da população brasileira é usuária das redes sociais, a pesquisa considerou dados coletados até janeiro de 2019.

Gráfico 1 – Dados sobre a utilização de mídias sociais



Fonte: Digital in 2019, We are social.

Com o advento das tecnologias móveis e as ferramentas de colaboração online, estamos em rede, interconectados diariamente, a todo momento. Esse novo estilo de vida virtual portátil provoca uma reorganização na forma das pessoas

interagirem entre si. Uma nova forma de atividade coletiva centrada na difusão e troca de informações e conhecimentos a partir dos interesses. Desse modo, percebe-se que elas não representam somente um conjunto de dados ou informações facilmente disponíveis.

As novas tecnologias no seu frenético e constante evoluir interagem com as competências humanas, configurando-se como suporte para a ação criativa, a inovação e o desenvolvimento de especializações no uso das tecnologias. Fator essencial na produção e no crescimento econômico e científico.

Dessa forma, os sites de redes sociais, se tornam umas das ferramentas mais importantes da internet, já que nessas plataformas as pessoas se conectam, não somente para estabelecer interações pessoais umas com outras, mas para todos os tipos de atividades que envolvem as dimensões da ação humana, como e-commerce, educação, atividade cultural, marketing e política.

Diante dessas informações, traçamos uma conexão entre os estudos abordados nesses capítulos de referencial teórico e os inserimos no campo da Biblioteconomia. Como a área da Biblioteconomia se relaciona com artesanato e Redes Sociais na Internet? Para além da ligação histórica existente entre artesanato e Biblioteconomia, percebida na feitura de livros impressos, com as práticas de costuras artesanais de encadernação, almejamos refletir sobre como essas artes e técnicas, em meio as inovações, tecnológicas se beneficiam dos saberes biblioteconômicos.

A ciência da Biblioteconomia tem como objeto de estudo e trabalho a Informação. Nesse sentido, muitos profissionais formados na área atuam como mediadores entre as informações e os usuários dessas informações. Ou seja, dentre os fazeres dos bibliotecários, destaca-se a missão de buscar satisfazer as necessidades informacionais de usuários, garantindo o acesso rápido e efetivo a informações relevantes.

Nessa pesquisa, voltamos nossos olhares para o mundo do artesanato e desejamos, dessa forma, despertar algum interesse dos profissionais bibliotecários em suprir as necessidades informacionais dos indivíduos que vivem do trabalho artesanal. Dentro dessa perspectiva, essa conexão se torna visível quando nos debruçamos nas abordagens dos estudos em Fontes de Informação desenvolvidos na área das Ciências da Informação.

Em pesquisa publicada na revista BIBLIOS (revista electrónica especializada em Ciências da Informação), Alves e Santos (2018) expõe diferentes propostas internacionais de definições, conceitos e classificações de fontes e recursos de informação, apresentadas num quadro cronológico. Dentre essas propostas, citamos as que melhor se encaixam para abordagem escolhida nessa pesquisa.

Levando isso em consideração, destacamos as seguintes definições acerca do termo Fontes de Informação: Segundo Ferreira (2004 *apud* ALVES; SANTOS, 2018, p. 39), “Consideram qualquer livro, documento, organismo, instituição ou pessoa que transmite informação.”, já segundo Arruda e Chagas (2002 *apud* ALVES; SANTOS, 2018, p. 39) “Designam todos os tipos de meios (suportes) que contêm informações suscetíveis de serem comunicadas.”

Dentro da Biblioteconomia o estudo das Fontes de Informação é de grande importância, visto que é a partir delas que os indivíduos obtêm informações e conhecimentos ao longo da vida. Podemos destacar também, que dentro do cenário atual, as atividades relacionadas aos recursos e serviços de informação vêm assumindo grande importância econômica e social, devido ao seu peso na tomada decisões.

Diante de todo o percurso da humanidade, notamos que o surgimento da internet, especialmente as conformações da web 2.0 e os sites de redes sociais, colocou nas mãos de cada indivíduo o poder da informação. Entretanto, com a gama frenética de informações, principalmente nos formatos digitais, faz-se necessário um olhar crítico e critérios para avaliar a qualidade das Fontes de Informação disponíveis nesses ambientes, mostrando-se um campo para atuação de Bibliotecários nesse contexto. Defendendo esse ponto de vista, Tomaél (2008) expõe que,

O acesso à informação de qualidade na internet é um dos principais desafios da atualidade. A literatura existente que trata da qualidade dos recursos de informação na Internet é abundante, tanto nos meios impressos quanto na rede, e a importância e a necessidade de avaliar esses recursos é ressaltada. (TOMAÉL, 2008, p.4)

Nessa perspectiva, a interseção dos assuntos citados nesse trabalho se dá ao vislumbrar as Redes sociais na Internet como Fontes de Informação pra o trabalho artesanal, trazendo conteúdos voltados para o aprendizado colaborativo, troca de experiências e conhecimentos, e atuando como instrumentos capazes de

responder perguntas referentes às necessidades de informações de artesãos. Dito isso, faz-se de interesse da área da Biblioteconomia, que temas como, cultura, artesanato e economia façam parte de constantes pesquisas de Fontes de Informação que contribuam de forma real para a vida desses profissionais.

Considerando que a sociedade, assim como, as plataformas das redes sociais na internet e a própria internet estão em contínuo processo de mutação se desenvolvendo e transformando rapidamente, não se pretende esgotar os estudos existentes que tratam do assunto, pois torna-se impossível abarcar todo o material disponível que trata sobre a temática, nem se contemplar todas as perspectivas de análise que os estudiosos propõem. As intenções com essas conceituações e contextualizações traçadas nas bases teóricas da pesquisa foram embasar a investigação da utilização desses novos espaços de interação proporcionados para o setor artesanal, tendo como referência os artesãos da Feira de Pequenos Negócios desenvolvida pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, através da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico. Abrindo as discussões sobre as implicações dessas ferramentas no artesanato é que analisaremos os percursos metodológicos da pesquisa no capítulo a seguir.

## 4 METODOLOGIA

Nessa etapa do trabalho, apresentam-se os métodos e os procedimentos utilizados no decorrer da pesquisa, os artifícios usados para possibilitar o estudo, como também as adversidades encontradas durante a investigação. Para executar tal estudo, foi realizada uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa, de cunho exploratório e descritivo, com fontes bibliográficas específicas e documentais, cuja análise se baseou em dados coletados através da aplicação de questionário misto, onde todo o desenvolvimento desse processo foi adaptado às necessidades e objetivos da pesquisa.

Para melhor entendimento do desenvolvimento das atividades, faz-se necessário uma breve explanação acerca das especificações de tipologias, abordagens e métodos de pesquisas adotados para justificar os meios, “o como” chegamos em nossos resultados de estudo e que proporcionaram as bases lógicas para a investigação.

Optou-se por utilizar, baseados nos objetivos propostos, métodos de pesquisas de caráter exploratório e descritivo. Segundo Gil (2008, p. 27), a pesquisa exploratória tem por objetivo familiarizar-se com o problema, “[...] são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”.

Ainda de acordo com o autor, no que diz respeito às pesquisas descritivas, declara que estas, “[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.” (GIL, 2008, p. 28).

No intuito de adquirir uma visão crítica sobre o tema e um embasamento teórico, primeiramente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, seleção e escolha das principais referências, obtidas com pesquisas em periódicos, teses, dissertações, livros, relatórios estatísticos e sites, revelando os principais conceitos, dados históricos e estatísticos sobre a temática em questão.

A pesquisa bibliográfica é efetuada através do apuramento de referências teóricas consideradas relevantes, já publicadas, que permitam o conhecimento prévio sobre o assunto que se deseja inquirir. Já a pesquisa documental se utiliza de diversas fontes sem tratamento científico, segundo Gil (2008),

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. (GIL, 2008, p. 51)

A justificativa pela relação prática entre os métodos foi de estabelecer diálogo e complementaridade, proporcionando uma clara interpretação do objeto de estudo - a saber, as redes sociais no contexto artesanal.

O estudo em questão caracterizou-se, também, como uma pesquisa qualitativa, onde se valeu de questionário com questões fechadas, com via para uma análise estatística, e questões de quesitos abertos para análise de dados com observações sob uma perspectiva qualitativa.

#### 4.1 A DELIMITAÇÃO DO ESPAÇO DE ATUAÇÃO

Inicialmente, houve a necessidade de se realizar um levantamento dos locais voltados para a atuação de artesãos que compõem o cenário urbano de Fortaleza, justificando a identificação de onde poderíamos encontrar esse nicho da população para dar corpo a execução das práticas metodológicas.

Foram realizadas pesquisas na internet e em perfis de redes sociais, onde no campo específico para pesquisa dessas ferramentas utilizamos palavras chaves como: artesão em Fortaleza, feirinhas artesanais em Fortaleza, artesanato em Fortaleza. Por se tratar de um processo de produção manual, com execução de técnicas específicas, optamos pela seleção de redes sociais que tenham como enfoque a utilização de vídeos e imagens, como principal conteúdo informacional.

Uma vez identificadas as opções de atuação, partimos para a verificação desses espaços. Foi realizada uma pesquisa de campo para aproximação com a comunidade artesã da cidade de Fortaleza, além de se fazer uma breve convivência para observação de hábitos.

Os primeiros artesãos que entramos em contato, e utilizamos metodologicamente para esta pesquisa, se dividiram em dois grupos: primeiro, aqueles abordados via redes sociais, localizados na região de Fortaleza. Através dessas abordagens surgiram contatos de outros artesãos, dos quais também desenvolvemos diálogos informais para enriquecimento da pesquisa. O outro grupo

foi focado em artesãos dos principais pontos de comercialização de artesanato presentes na cidade. Com esses, ocorreu uma aproximação maior, pois, além de depoimentos enriquecedores, realizaram-se aplicação do questionário pré-teste presencial.

Dentre os locais visitados, destacamos o Mercado Central de Fortaleza, Centro de Turismo do Ceará (Emcetur), Feirinha da Beira Mar, Feirinha Fuxico no Dragão. Ao efetuar uma sondagem de aproximação e aplicação de pré-testes de questionários, percebemos que, apesar de serem locais de referência do artesanato cearense na cidade de Fortaleza, pouquíssimos são os artesãos que participam do processo de comercialização dos seus próprios produtos nos locais citados.

Continuamos as buscas e nos comunicamos com alguns artesãos, marcas e órgãos que foram encontrados na internet ou por indicação de outros artesãos já contatados, e que desenvolviam ações e projetos que promoviam o artesanato, dentre eles podemos citar: Serviço Social do Comércio (SESC), a cooperativa COOPFIRME, a Fábrica do Bem no Shopping Benfica, Centro de Artesanato do Ceará (CeArt), Secretaria Municipal do Desenvolvimento Econômico de Fortaleza (SDE).

A presente pesquisa foi realizada nas feirinhas do Programa Feiras de Pequenos Negócios, iniciativa desenvolvida pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, por intermédio da Secretaria Municipal do Desenvolvimento Econômico de Fortaleza, que tem por objetivo estimular a geração de emprego e renda para os pequenos empreendedores e artesãos da cidade, a fim de apoiar unidades produtivas individuais e coletivas.

Segundo informações divulgadas no site da Prefeitura Municipal de Fortaleza, em outubro de 2019, a ação já contava com mais de 2.231 artesãos cadastrados nas 1.507 feiras já realizadas desde que entrou em funcionamento, no ano de 2014. Contando com um faturamento de mais de R\$ 5,5 milhões para os pequenos empreendedores e artesãos da capital. (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2019)

O primeiro contato para desenvolvimento do trabalho nessas feiras foi feito através do Espaço do Artesanato, realizado por e-mail e telefonemas. O Espaço do Artesanato consiste em uma estrutura física de apoio fixo, sem fins lucrativos, disponibilizado pelo programa e que funciona como um expositor para os produtos comercializados pelos artesãos. Fica localizado na avenida Santos Dumont, no bairro Aldeota e fornece uma estrutura propícia para que os artesãos façam a

exibição dos seus produtos, os quais, como pré-requisito de participação, devem ser necessariamente fabricados por eles, e que passam por avaliação de uma curadoria.

Essas feiras de artesanato ocorrem mensalmente, nas duas primeiras semanas de cada mês, em vários pontos da capital. Podemos citar os terminais de ônibus de Fortaleza (Siqueira, Papicu, Conjunto Ceará, Lagoa, Messejana, Antônio Bezerra e Parangaba), Barracão da Inclusão da Avenida Beira Mar, Feirinha do Aterrinho da Praia de Iracema, Quiosque Terminal do Siqueira e no Espaço do Artesanato da SDE.

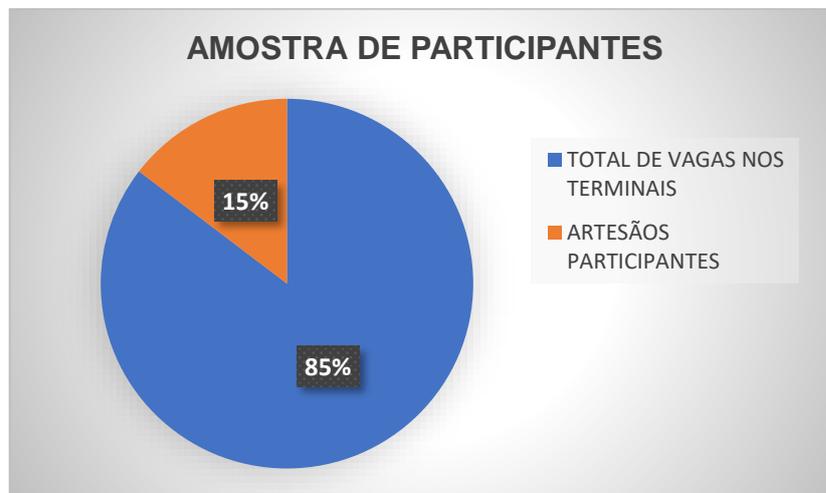
Segundo contato estabelecido com o Espaço do Artesanato, participam das feiras de 400 a 600 artesãos e pequenos empreendedores em cada edição mensal, fazendo-se revezamento de equipes, formadas através de sorteio, a cada 3 dias de duração do evento. Por questões de facilidade de acesso, optamos, para definição de amostra, a seleção das feiras concentradas nos terminais de ônibus de Fortaleza como *lócus* da pesquisa. Ao total, contamos com 7 terminais investigados: Terminal da Parangaba, Terminal do Lagoa, Terminal do Conjunto Ceará, Terminal do Antônio Bezerra, Terminal do Siqueira, Terminal de Messejana e Terminal do Papicu.

Nos dados repassados pela administração do Espaço do Artesão, a maioria dos terminais conta com a disponibilização de 44 vagas divididas entre as categorias individual, destinada a pequenos empreendedores e artesãos individuais, e a categoria de grupo, destinada a grupos de economia solidária. A exceção a esses números são os casos do terminal do Siqueira, que oferta 52 vagas, sendo vinte e oito individuais e vinte e quatro para grupos, e o caso do terminal do Lagoa, que concede apenas dez vagas para iniciativa individual e dezesseis para grupos, totalizando vinte e seis vagas.

Ainda em relação a definição de amostra, foram aplicados questionários a quarenta e cinco indivíduos, que se identificaram como artesãos, atuantes nesses lugares, num universo de 298 participantes das feiras dos terminais, entre empreendedores e artesãos, o que representa cerca de 15% da população total de participantes do programa nos lugares selecionados. Entretanto, no decorrer da análise dos dados dos questionários, verificamos a existência de 3 que estavam preenchidos de forma incompleta. Por esse motivo, optamos por não os contabilizar no apuramento estatístico. Dessa forma, a quantidade total de questionários utilizados efetivamente foi 42.

Salientamos que esses dados foram fornecidos pelos responsáveis da organização da feira. Segundo contato, ficou esclarecido que não se podia afirmar precisamente a quantidade de artesãos e empreendedores, pois toda a seleção de participantes era feita através de sorteios dentre os inscritos. Ou seja, o número a que nos apegamos para a determinação da amostra foi baseado no total de vagas disponíveis para cada edição da feira nos terminais selecionados.

Gráfico 2 – Amostra de artesãos participantes



Fonte: Elaborado pela autora

## 4.2 QUESTIONÁRIO

Para a obtenção do material de análise, utilizamos como ferramenta de coleta de dados o questionário. Segundo Gil (2008),

[...] pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2008, p. 121).

Submetemos o questionário ao pré-teste com quinze artesãos selecionados nos lugares visitados, já citados neste capítulo, antes da delimitação de atuação de pesquisa. A importância da realização dessa prévia foi enorme quando se tratou da validação e precisão dos dados obtidos. Segundo o autor,

Depois de redigido o questionário, mas antes de aplicado definitivamente, deverá passar por uma prova preliminar. A finalidade desta prova, geralmente designada como pré-teste, é evidenciar possíveis falhas na redação do questionário, tais como: complexidade das questões, imprecisão na redação, desnecessidade das questões, constrangimentos ao informante, exaustão etc. (GIL, 2008, p. 122)

Deparamo-nos com algumas dificuldades na aplicação dos primeiros questionários, o pré-teste, visto que, ao chegarmos nos locais onde supostamente encontraríamos artesãos, existiam pouquíssimos trabalhadores para a aplicação da ferramenta de estudo.

A escolha do espaço para aplicação da ferramenta de coleta de dados baseou-se na seleção de locais destinados à comercialização de produtos artesanais, partindo-se do pressuposto que os artesãos participam de todo o processo que envolve seu fazer, contemplamos também a comercialização do produto artesanal. Entretanto, esses espaços de mais destaque são tomados por comerciantes que apenas revendem as mercadorias compradas de artesãos, principalmente do interior do estado. Outra dificuldade encontrada foi a falta de disponibilidade de alguns artesãos em responder ao questionário, pois só podíamos encontrá-los em horários comerciais.

A aplicação presencial do questionário definitivo foi realizada no momento em que a feira estava acontecendo nos terminais de Fortaleza, entre 8h e 18h dos dias 7 e 9 de novembro de 2019. A abordagem deu-se de maneira espontânea, com uma breve apresentação do que seria a atividade e em seguida identificação dos artesãos nos quiosques de cada terminal. Tal identificação aconteceu através de autodeclaração, ou seja, os presentes se identificaram como artesãos e a verificação da informação foi realizada através de apuramento dos materiais expostos, todos produtos artesanais. Os questionários foram distribuídos de forma impressa, e a execução acompanhada pela pesquisadora, com o intuito de sanar quaisquer indagações no decorrer do processo. Porém, diálogos que pudessem comprometer a obtenção de resultados neutros com os participantes foram evitados, para que não ocorresse nenhum tipo de influência nas respostas.

O pré-teste do questionário (Apêndice A) foi composto por quatorze questões, com quesitos abertos e fechados. No decorrer do processo de aplicação, percebeu-se algumas ambiguidades e questões desnecessárias ao enfoque da pesquisa.

Portanto, passou por adequação e reformulação. Por fim, o questionário definitivo (Apêndice B) contou com treze perguntas, permanecendo com o caráter misto.

Na intenção de melhor atender aos objetivos propostos pelo estudo, as perguntas do questionário definitivo foram divididas em temáticas. Sendo descritas no seguinte quadro:

Quadro 1 – Temáticas do questionário definitivo

Nº	Temática
1	Considerações sobre o perfil dos artesãos
2	Considerações sobre a transmissão dos saberes e as fontes de informação utilizadas pelos artesãos abordados na construção do seu ofício
3	Considerações sobre a utilização das redes sociais pelos profissionais artesãos para o trabalho artesanal

Fonte: Elaborado pela autora

As questões 01 a 04, contemplaram a temática 1, com a intenção de atender aos objetivos de identificação de perfil, como sexo, faixa etária, grau de escolaridade, ou se o artesão trabalha somente com artesanato.

Já quanto à temática 2, colocamos as questões 05 e 06, uma aberta, para identificar onde foram adquiridos os conhecimentos artesanais, e outra fechada para apontar quais são as principais fontes de informação que constituem as bases para obtenção de informação e conhecimento na vida desses profissionais.

Na temática 3, sobre o uso das possibilidades do ciberespaço, especificamente as redes sociais na internet, quais delas são as mais usadas, qual a frequência de acesso, e como os artesãos julgam seus conhecimentos sobre o uso dessas ferramentas, propomos as questões 07, 08, 09 e 10. Ainda nessa temática, as questões 11, 12 e 13, colocam os objetivos de uso, benefícios e prejuízos, identificados pelos artesãos, advindos do uso desses aparatos.

De posse dos dados coletados, passamos a analisá-los e interpretá-los à luz da problemática e dos objetivos desta pesquisa. Os resultados obtidos são apresentados a partir de gráficos com os dados e análise multivariada das questões fechadas e análise de conteúdo das questões abertas.

Em relação a escolha dos métodos e técnicas de análise de dados justificou-se pelo que se pretende investigar. Em primeiro momento foi realizada a

organização de dados distribuídos de acordo com características dos indivíduos ou objetos em categorias e contada a frequência com que ocorrem, ou seja, foi realizada a mensuração nominal, a partir da geração de porcentagens para cada categoria. Nessa etapa, os gráficos de porcentagem foram feitos com o apoio do software Excel, como auxílio para gerenciar o processamento dos dados estatísticos descritivos, transformando-os em gráficos e tabelas.

Em segundo momento foi realizada a utilização dos métodos de análise multivariada para os dados categorizados das questões fechadas. Descrevemos a população examinando uma variável por vez e em seguida uma análise simultânea de medidas múltiplas.

Segundo Gil (2008),

De modo geral, a análise multivariada refere-se a todos os processos estatísticos que simultaneamente analisam medidas de cada indivíduo ou objeto sob investigação. Assim, cada técnica multivariada corresponde a extensões da análise univariada e da análise bivariada. De fato, muitas dessas técnicas nada mais são do que um meio de executar em uma única análise aquilo que antes exigia múltiplas análises mediante a utilização de técnicas univariadas e bivariadas. (GIL, 2008, p. 172).

Como técnica multivariada aplicada às questões usamos a correlação entre uma variável dependente (utilização das redes sociais) e variáveis independentes (sexo, faixa etária, grau de escolaridade etc.) significativas para a pesquisa.

Para além das indicações reveladas pelas análises estatísticas, de acordo com Gil (2008),

os procedimentos estatísticos auxiliam na identificação de vínculos entre as variáveis, mas não são suficientes para explicitar a relação causal. A prova da existência de um elo de causalidade depende muito mais da análise lógica dos resultados da pesquisa do que propriamente dos testes estatísticos. (GIL, 2008, p. 174).

Entretanto, como se trata de uma pesquisa quali-quantitativa a análise de dados se deu através de dimensões interpretativas distintas do mesmo fenômeno.

Portanto, para a análise das questões abertas, foi realizada a técnica de análise de conteúdo, o que nos permitiu tratar, interpretar os textos e obter informações que transcendem os relatados.

Segundo Moraes (1999),

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. (MORAES, 1999, p. 2).

Nas questões abertas presentes no questionário, para aplicar o método de análise de conteúdo até chegar à interpretação dos dados, executamos as 5 etapas descritas como fundamentais por Moraes (1999), que são: Preparação das informações; Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades, Categorização ou classificação das unidades em categorias; Descrição e, finalmente, a Interpretação.

A partir desse recorte, expomos no próximo capítulo a análise e interpretação dos dados coletados com o questionário misto definitivo aplicado aos artesãos.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados baseou-se nas informações coletadas com o questionário e através da observação direta. Os resultados obtidos são apresentados a partir de gráficos, no que diz respeito aos quesitos fechados, de maneira a apresentar dados estatísticos pertinentes aos objetivos da pesquisa. Também, colocamos as respostas subjetivas mais relevantes no texto para explicitar a análise de conteúdo do material coletado, conectando-os aos objetivos especificados no trabalho.

Durante a leitura dos questionários, percebemos que, dos quarenta e cinco questionários coletados, três deles encontravam-se incompletos, por esse motivo, decidimos não os incluir na análise de dados, para assegurarmos uma fonte mais completa e concreta para a pesquisa.

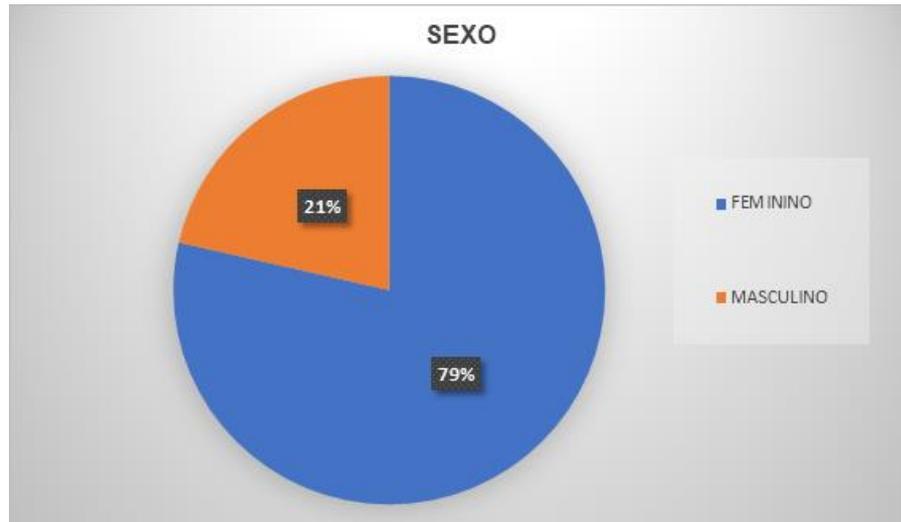
Como esclarecido no tópico anterior deste trabalho, as questões apresentadas no questionário foram dispostas em temática. Dessa forma, optamos por esmiuçar os dados e fazer as análises seguindo essa linha de raciocínio, facilitando a busca por respostas ao problema fundamental da investigação.

### 5.1 PERFIL DOS ARTESÃOS

Em um primeiro momento, detemo-nos em explorar a temática pertinente ao perfil dos artesãos participantes, a partir dos dados coletados. O perfil dos participantes foi constituído com os seguintes elementos - gênero, faixa etária, grau de escolaridade e trabalho integral com artesanato.

Em resumo, segundo os dados apresentados nos gráficos da temática I, a maioria das pessoas que participaram da pesquisa eram mulheres, a faixa etária predominante foi mais de quarenta anos, em que a maior parcela de indivíduos possuía o ensino médio, e trabalhavam integralmente com artesanato. Abordamos separadamente os elementos com as suas respectivas considerações.

Gráfico 3 – Gênero dos participantes



Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com o Gráfico 3, trinta e três das pessoas que responderam o questionário eram mulheres. Relativo às questões de gênero, podemos afirmar que os dados obtidos através da pesquisa de campo corroboram com o pensamento de que a prevalência feminina na produção artesanal é marcada pelo fator histórico da divisão sexual do trabalho. Silva (2014) apresenta o seguinte:

No que se refere ao artesanato, ele permanece sendo realizado por mulheres em seus lares. Essa atividade era inclusive incentivada pela Igreja, pois se constituía numa forma pedagógica de aprendizagem dos “papéis femininos”. Inclusive muitas escolas formais tinham o aprendizado em artesanato como parte de seu currículo. Dessa forma, portanto, o domínio dos chamados “trabalhos manuais” era fundamental para o exercício da feminilidade. Assim, temos muitas gerações de mulheres formadas nessa perspectiva. (SILVA, 2014, p. 6)

Ainda sobre o debate de gênero e artesanato, um outro fato interessante observado durante a aplicação dos questionários, complementando o pensamento mencionado pela autora acima, foi que a maioria dos produtos expostos eram peças ‘caracterizadas’ pelo trabalho feminino. Tratando-se desse ponto específico, de divisão sexual por tipologias artesanais, o artigo de Barroso e Frota (2010) expõe uma pesquisa realizada pelo Banco do Nordeste em 2002 que mostra dados a respeito da divisão tipológica artesanal,

O perfil do artesão nordestino revelou que o trabalho artesanal é segmentado sexualmente, ou seja, a diferenciação nas práticas artesanais ocorre de forma culturalmente determinada conforme o sexo e a tipologia. Rendas e bordados, tecelagem e tecidos são executados, em sua maioria, por mulheres, enquanto trabalhos em couro e metal, madeira e cerâmica são realizados por homens. (BARROSO; FROTA, 2010, p. 2)

Diante do exposto, compreendendo que o trabalho artesanal é reflexo da sociedade e não pode ser visto de forma isolada. Ao questionarmos o motivo dessa divisão do trabalho artesanal por tipologias, percebemos que ela não é resultado de um destino biológico, relativo a questões de força ou peculiaridades e atributos físicos, mas oriunda de construções sociais.

Independente das questões sobre as divisões de tipologia artesanal baseada no gênero, observa-se que a predominância de mulheres nos dados relativos ao sexo dos artesãos investigados, demonstram, de certa forma, uma autonomia conquistada pelas mulheres, uma emancipação no que se refere às novas configurações do mundo do trabalho e que foi proporcionada pelo trabalho artesanal. Mesmo que essa atividade traga um caráter mais informal, pelas questões da flexibilidade de horário, liberdade no exercício da sua atividade, e por ela ser, em sua essência, também doméstica, devido a maior parte do processo ser exercido no seio do lar. Dando autonomia a essas artesãs, no sentido de que, além de criarem e elaborarem seus produtos artesanais, também vão pra fora de casa para expor e vender o fruto de suas produções e conquistar uma emancipação financeira. Conciliando o trabalho artesanal com o trabalho doméstico que muitas vezes é colocado como atividade principal em suas vidas.

Entretanto, embora o espaço doméstico na esfera econômica seja depreciado pelo sistema capitalista, que não valoriza o trabalho não remunerado, podemos afirmar que mulheres sempre trabalharam, dedicando-se, como atividade principal, a cuidar do lar e dos filhos, fazendo com que o artesanato seja visto como atividade complementar em suas vidas.

Ainda tratando sobre gênero e relacionando às questões principais da pesquisa, que é a utilização das redes sociais, observa-se que, proporcionalmente, dentre os participantes que se declararam utilizadores das redes sociais no âmbito do trabalho artesanal, segundo as respostas da questão “Você utiliza redes sociais como ferramenta de trabalho”, os dados estatísticos seguem a mesma tendência dos resultados obtidos de maneira geral, ou seja, existe um predomínio do sexo

feminino na inserção e utilização dos sites de redes sociais direcionado ao ofício artesanal, já que a população abordada era composta majoritariamente por mulheres.

Pode-se notar que o trabalho artesanal é marcadamente feminino e que, historicamente, as mulheres sempre possuíram ‘obrigações’ com os afazeres domésticos. Nesse contexto, por ocuparem a frente das questões tecnológicas evidenciadas nessa investigação, supomos que a utilização das ferramentas de redes sociais na internet, se justificam como maneiras encontradas para o exercício da profissão em consonância com as atividades exercidas pelos trabalhos domésticos e cuidados com os filhos, devido à redução de dificuldades como limitações espaciais e como ferramentas facilitadoras de alguns processos cotidianos, primordial para a independência e autonomia da mulher artesã. Diante disso, não pretendemos esgotar as discussões acerca da temática, deixando em aberto possibilidades para futuras investigações sobre gênero, artesanato e utilização das redes sociais.

Em continuidade às discussões sobre a temática I, ainda referente ao perfil dos artesãos, o gráfico a seguir revela que a maior parte dos artesãos consultados na pesquisa possuíam faixa etária acima de 40 anos.

Gráfico 4 – Faixa etária dos artesãos



Fonte: Elaborado pela autora

O que esses dados nos sugerem é que, talvez, os jovens venham perdendo o interesse nessa expressão humana, devido a existência de uma grande variedade

de possibilidades oferecidas no meio urbano para atuação profissional e continuidade de estudos, e que as pessoas que compõem esse segmento de trabalhadores são aquelas que ainda carregam consigo as tradições familiares e os conhecimentos artesanais herdados de geração para geração. Outra suposição válida, configura-se em existir o interesse dos jovens pelo artesanato, porém não pelas formas de empreendedorismo proporcionada pelas feiras. Salientamos que estas suposições são pertinentes tratando-se do meio urbano de Fortaleza, delimitação geográfica da nossa pesquisa, onde não foram observados muitos exemplos de jovens inseridos nos fazeres artesanais, tanto nos locais de aplicação de questionário pré-teste como no local escolhido na delimitação da pesquisa.

Em contrapartida, atendo-se aos menores números representados no gráfico, composto pelos indivíduos mais jovens, percebemos que a tradição familiar não se perdeu, pois, relacionando esses dados às respostas colhidas na questão apresentada no questionário, intitulada “onde você aprendeu a fazer artesanato?”, observamos que 100% dos indivíduos que integram essas categorias (entre 18 e 24 anos/entre 25 e 31 anos), responderam que os conhecimentos artesanais foram adquiridos através de tradição familiar ou com outros artesãos, com os conhecimentos transmitidos oralmente.

A resposta do indivíduo 1, pertencente a categoria “entre 18 e 24 anos”, coloca que seu aprendizado sobre artesanato se deu “com ensinamentos de outros artesãos e fontes buscadas na internet”. Nesse aspecto, observamos a interação entre meios tradicionalmente orais com as iniciativas individuais de adequação de trabalho no meio da internet.

Fato este que nos leva à análise das respostas para a mesma questão, “onde você aprendeu a fazer artesanato?”, dadas por artesãos com a faixa etária mais elevada.

Surpreendentemente, ao supor que esse nicho seria representado pelos artesãos provenientes das tradições familiares, contabilizamos apenas 9 indivíduos, dos 26 que fazem parte da categoria “mais de 40 anos”, que declararam ter obtido seus conhecimentos através de núcleos familiares tradicionais de produção artesanal, pela figura da mãe ou familiares, “dentro de casa”.

Na maioria das respostas encontradas, observamos cursos de formação (até mesmo online) e a existência da capacidade autodidata, de certa forma facilitada pelas tecnologias da informação, para obtenção dos saberes artesanais. Seria essa

a contribuição da internet e dos sites de redes sociais para o artesanato? Uma alternativa aos métodos tradicionais, amplificadoras das possibilidades de compartilhamento das técnicas artesanais diversas.

Algumas das respostas encontradas evidenciam a inserção dos saberes artesanais no ciberespaço sendo repassados para os artesãos desta categoria (“mais de 40 anos”), como podemos observar nas falas do artesão 2 e 3 respectivamente, “Em cursos, através da internet”, “fiz cursos em algumas lojas e também pela internet”. O que refuta qualquer especulação sustentada na incapacidade das gerações mais velhas de se adequarem às novas tecnologias.

Em sua obra *Cibercultura*, Pierre Lévy (1999) coloca que as novas configurações tecnológicas não se apresentam como um aparato para rompimento com o tradicional, mas sim uma forma de evolução das culturas, uma mutação que se fez necessária, para agregar as condições já existentes,

Longe de deslocar o motivo da “tradição”, a cibercultura o inclina em um ângulo de 45 graus para dispô-lo na sincronia ideal do ciberespaço. A cibercultura encarna a forma horizontal, simultânea, puramente espacial, da transmissão. Só encadeia o tempo por acréscimo. Sua principal operação é a de conectar no espaço, de construir e de estender os rizomas do sentido. (LÉVY, 1999, p. 249)

Trazendo para o plano da educação, aprendizagem e saberes, o autor coloca que,

A grande questão da cibercultura, tanto no plano de redução dos custos como no do acesso de todos à educação, não é tanto a passagem do “presencial” à “distância”, nem do escrito e do oral tradicionais à “multimídia”. É a transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizadas (a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada dos saberes, o ensino da sociedade por ela mesma, do reconhecimento autogerenciado, móvel e contextual das competências (LÉVY, 1999, p. 172)

Embora não se trate de um aprendizado que seja obtido em escola ou universidade, e sim em uma relação direta com o próprio trabalho, fundamentado em saberes práticos, tais afirmativas cabem perfeitamente nos casos observados dos artesãos estudados.

As antigas oficinas e núcleos artesanais ainda muito fortes e vivos, principalmente no interior do estado, não são ameaçados por essas novas gerações de artesãos que aprenderam o seu ofício de maneiras alternativas às tradicionais.

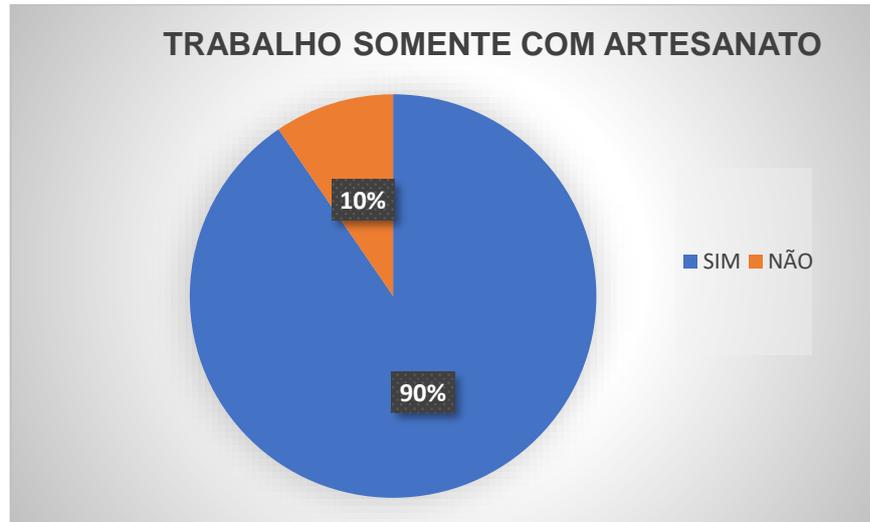
Os cursos presenciais ou online, ou as habilidades autodidatas identificadas nas respostas dos artesãos investigados dentro do contexto urbano de nossa investigação, como a forma de aprendizagem do ofício, os tornam tão capazes de executar as técnicas artesanais e de criação de produtos quanto os artesãos que “nasceram” no contexto tradicional.

Porto Alegre (1994), coloca que para esses indivíduos oriundos de núcleos e famílias artesãs, “[...] o aprendizado costuma se dar de maneira tão espontânea que a pessoa nem se dá conta de como aprendeu: ‘aprendi sozinho’, ‘aprendi vendo o povo fazer’, dizem. Observando, interessando-se, descobrindo por si mesma.” (PORTO ALEGRE, 1994, p. 59). Esse mesmo interesse e desejo de aprender podemos identificar em algumas respostas dos artesãos investigados na pesquisa, como por exemplo “em casa, com vídeos”, “sozinha, pesquisando”, “em casa mesmo, com a força de vontade e dedicação”.

Em suma, ao analisarmos as questões relacionadas à faixa etária, pontuamos que a existência de poucos jovens na amostra de população utilizada na pesquisa não significa o fim do artesanato tradicional, ou que novas propostas de ensino das atividades laborais resulte no desaparecimento dos moldes de aprendizagem e ensino do artesanato tradicional, pois os jovens participantes da pesquisa são provenientes das tradições familiares. Ao passo que, a maioria dos participantes da pesquisa é composta por pessoas de mais de 40 anos, e desta subcategoria a maior parcela de artesãos aprendeu seu ofício através de cursos ofertados por instâncias privadas, órgãos públicos relacionados às atividades artesanais e plataformas online ou a partir de uma iniciativa própria e autodidata, mediada pelos suportes tecnológicos.

Prosseguindo com as análises que compõem a temática do perfil dos artesãos pesquisados, colocamos os dados referentes ao trabalho exclusivo com artesanato. Fazendo-se uma conexão acerca das pessoas que trabalham somente com artesanato e a utilização dos sites de redes sociais para desenvolver atividades no âmbito do seu trabalho.

Gráfico 5 – Artesanato como única ocupação de trabalho



Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com os dados extraídos do gráfico, cerca de 90% do público que participou da pesquisa trabalham integralmente com o ofício de artesanato. Do total dos 42 questionários utilizados nas análises quantitativas, apenas 4 indivíduos declaram não ser o artesanato a única ocupação trabalhista.

Ao observarmos a parcela de artesãos que trabalham integralmente com o fazer artesanal, um total de 38 pessoas, e relacionar essa informação à questão central da investigação, “você utiliza as redes sociais como ferramenta de trabalho?”, verificamos que 31 artesãos se declararam utilizadores das redes sociais e apenas 7 não fazem uso dessa ferramenta. À luz dessas informações, podemos interpretar que a maioria das pessoas que se dedicam plenamente aos fazeres artesanais buscam adaptar à realidade das suas condições de trabalho às exigências das novas configurações econômicas e de mercado. Em reforço a tal perspectiva, Silva (2011), ao tratar da produção artesanal diante das mudanças de estruturação das formas de produção e trabalho, coloca que “[...] os artesãos persistiram e persistem desenvolvendo atividades manuais marginais em relação à produção industrial, mas não fora da lógica do sistema capitalista e muito menos de maneira depreciativa”. (SILVA, 2011, p. 63).

Em contrapartida, ao evidenciar os números menos representativos da amostra, os 4 artesãos que relataram não trabalhar somente com artesanato, e relacionarmos com os dados encontrados na questão sobre a utilização das redes

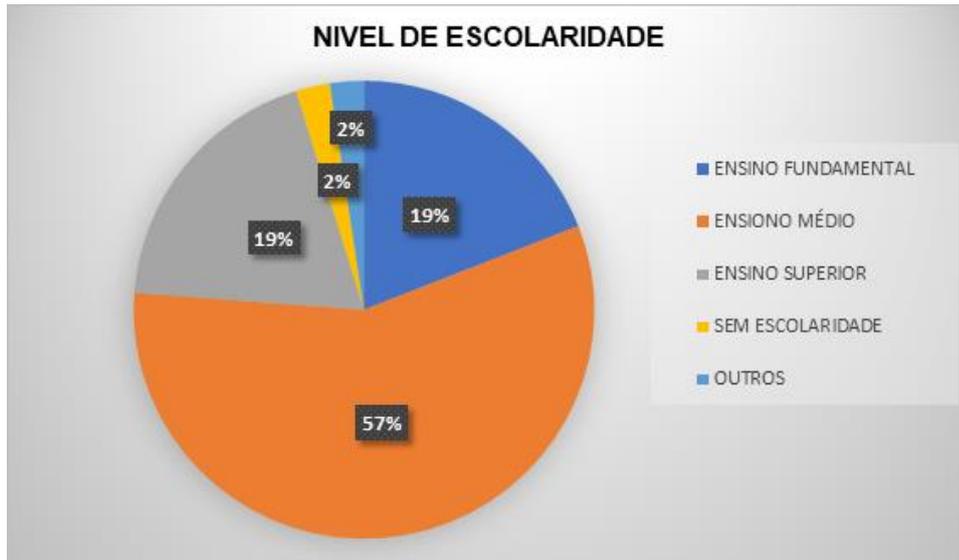
sociais, verificamos que 2 participantes não utilizam essas ferramentas em seu âmbito de trabalho.

Dentro desse subgrupo, mesmo esses dois artesãos não se colocando como utilizadores desses recursos no contexto do seu ofício, quando observamos as respostas desses quatro participantes na questão “você acha que as redes sociais contribuem de maneira positiva para seu trabalho? Comente de que forma”, percebemos uma unanimidade de concordância e conscientização de que essa ferramenta pode ser um aparato positivo no contexto do trabalho, fato esse percebido na resposta do questionário, como: “Com o conhecimento passado para outras pessoas, conseguimos divulgar, nos comunicar, aprender e a ensinar um pouco mais do que é a arte.”

Nesse tópico, podemos perceber que há não só uma maior utilização das redes sociais por artesãos no contexto do seu trabalho, como também, de acordo com os números revelados, o fato de 38 artesãos trabalharem exclusivamente com o fazer artesanal significa que o artesanato, apesar de ser associado historicamente a classes menos favorecidas economicamente, dá condições para que essas pessoas consigam tirar seu sustento dessa atividade.

Em sequência aos debates sobre o perfil dos artesãos abordados na pesquisa, compondo as últimas discussões deste tópico do capítulo, pontuamos a relação entre os dados extraídos do gráfico relativo ao grau de escolaridade dos artesãos estudados e a utilização das redes sociais como ferramenta no trabalho artesanal. Será que o acesso à educação, e, teoricamente, contato com um universo mais amplo de informações, se traduz em melhores oportunidades de acesso às ferramentas do ciberespaço? Com essa indagação visamos discorrer sobre as questões da democratização da informação, a info-exclusão, na sociedade atual.

Gráfico 6 – Nível de escolaridade



Fonte: Elaborado pela autora

Os resultados obtidos a partir do questionário apontam que o maior número de pessoas que participaram da pesquisa possuía o ensino médio, 24 artesãos. Essa categoria também foi a que apresentou a maior quantidade de pessoas que se declararam, segundo a pergunta “você utiliza as redes sociais como ferramenta de trabalho?”, não utilizar as redes sociais para suas atividades artesanais.

Em segundo lugar, as duas categorias, “ensino superior” e “ensino fundamental” encontram-se empatadas em quantidade de componentes. Entretanto, ao comparar-se os números relativos aos utilizadores das redes sociais, dentro desses grupos, contabilizamos 3 artesãos no grupo “ensino fundamental”, enquanto que apenas 2 artesãos compoendo o grupo “ensino superior”.

Em terceiro lugar, apresentaram-se também com a mesma quantidade de integrantes, apenas 1 artesão em cada categoria, as opções “sem escolaridade” e “outros”. O artesão integrante da categoria “sem escolaridade” se declarou não utilizador das redes sociais e no caso do indivíduo pertencente ao grupo “outros” alegou utilizar as redes sociais. Nesse caso particular, o campo “outros”, deixamos um espaço para especificação, uma linha ao lado da alternativa, mas o indivíduo optou por não preencher, ficando uma incógnita qual seu grau de escolaridade, e por esse motivo, não contabiliza como dado relevante para essa perspectiva de análise.

Diante dos dados obtidos, levantamos hipóteses que o fato de artesãos possuírem maiores graus de escolaridade, como uma formação superior, coloca o

acesso à informação em um patamar mais elevado. Baseamos isso ao considerar as proporções estatísticas, em que a categoria “ensino superior” apresentou a menor quantidade de artesãos que não usam as redes sociais para fins de trabalho. Condição que nos faz refletir sobre as diferenças de acesso aos diversos subgrupos sociais de artesãos.

Em reforço a tais afirmativas, colocamos para fins comparativos, os resultados obtidos pela pesquisa sobre acesso à internet feita pelo sociólogo Manuel Castells (2004),

[...] a educação também conta: entre aqueles que tinham uma licenciatura universitária ou um título superior a este, o nível de acesso à internet era de 74,5%, mas esta proporção baixava até aos 30,6% entre os indivíduos com ensino secundário e até aos 21,7% para os que não possuíam o ensino secundário. (CASTELLS, 2004, p. 289)

O autor revela inúmeros outros dados comparativos referentes aos diversos grupos sociais, que envolvem as questões de desigualdade, como: gênero, idade, cor e poder aquisitivo, mas preferimos nos deter aos dados que cabem no contexto da análise. É certo que são cenários geográficos, políticos e sociais bem distantes dos que encontramos aqui em nossa delimitação de pesquisa, também, precisamos levar em consideração o fator temporal em que suas pesquisas foram traçadas, mas julgamos que existem proximidades com a investigação em questão, pois demonstram que as pessoas de um grau de escolaridade superior usam mais a internet. No caso da investigação realizada aqui, supomos que o maior contato com a internet torna os artesãos mais próximos de conhecer as redes sociais como possibilidades de expansão dos limites das suas dinâmicas de fazeres profissionais, é como se o artesão tivesse a mente mais aberta ao novo, o acesso à educação contribui para expandir a mente ao mundo tecnológico.

Nesse sentido, ao tratar das questões ligadas às desigualdades no acesso à internet, Castells (2004), expõe o conceito de uma info-exclusão. Porém, em sua visão, a desigualdade não se encontra somente na falta de acesso, mas, também, nas condições de uso. O que o autor expõe é:

A centralidade na internet em muitas áreas da atividade social, econômica e política converte-se em marginalidade para aqueles que não têm ou possuem um acesso limitados à Rede, assim como para aqueles que não são capazes de tirar partido dela. (CASTELLS, 2004, p. 287)

Tais apontamentos se aplicam ao uso dos sites de redes sociais por artesãos. Pois, a questão aqui não é só o acesso à internet ou às redes sociais, mas de se possuir o conhecimento da usabilidade dessas ferramentas do ciberespaço e pôr em prática para seu proveito.

No decorrer de sua pesquisa, o autor expressa que as diferenças no nível de acesso tendem a reduzir-se, e isso é percebido quando analisamos as respostas dos artesãos de menor nível de escolaridade. Para ilustrar tal argumento, selecionamos as respostas de um artesão da categoria “sem escolaridade” e um artesão da categoria “ensino fundamental”, as categorias de nível de escolaridade mais baixo, para a questão “você acha que as redes sociais contribuem de maneira positiva para seu trabalho? Comente de que forma.”:

Artesão 1 (sem escolaridade): “Sim. Muitas vendas / para aprendizagem”;

Artesão 2 (ensino fundamental): “Sim. Tirando dúvidas”.

Esses participantes, apesar de não se considerarem diretamente utilizadores das redes sociais para o seu trabalho como artesão, em determinados momentos do questionário, colocam respostas que nos fazem supor que eles a utilizam sim, apenas não possuem uma clareza sobre a efetividade dessas ações. Exemplos como esses corroboram com as pontuações acerca do saber, ter uma consciência, de utilização dessa ferramenta advindas do ciberespaço.

Ainda expondo os estudos de Castells (2004), para reforçar nossas suposições acerca desse tópico, ele revela que as desigualdades de acesso estão se dissipando cada vez mais, entretanto, outras formas de desigualdades tecnológicas surgem, pois as dimensões da info-exclusão são bem mais complexas e não tão evidentes, estando enraizadas nos problemas reais das desigualdades do mundo.

Considerando que desde que as pesquisas de Castell foram realizadas até os dias atuais, o crescimento de acesso à internet tem ocorrido de maneira exponencial, ou seja, mesmo em países como o Brasil, ditos subdesenvolvidos, podemos perceber esse aumento, possibilitado, principalmente, pelo desenvolvimento dos celulares. Consideramos também que, infelizmente, ainda

existem inúmeros casos de pessoas que não tem sequer acesso à alfabetização<sup>3</sup>. O que retém nossos olhares para a questão da info-exclusão são as preocupações com a qualidade de acesso e em se possuir uma capacidade cognitiva para saber explorar a rede e os sites de redes sociais.

Nesse sentido, e levando-se em consideração a observação direta dos artesãos entrevistados na pesquisa, todos munidos de seus aparelhos celulares capazes de os aproximar de ferramentas como *Instagram*, *Youtube*, *Pinterest*, *Facebook*, e toda uma variedade de aplicativos de redes sociais, ou, até mesmo já possuindo perfis com todas elas dispostas na palma da mão, não se utilizam desses suportes direcionados para a produção artesanal.

Corroborando com esse pensamento, tratando dos desafios da sociedade em superar as exclusões da cibercultura e proporcionar um ganho de autonomia das pessoas, ou de um determinado grupo, diante das ferramentas dispostas no ciberespaço, Pierre Lévy (1999) expõe que,

Não basta estar na frente de uma tela, munido de todas as interfaces amigáveis que se possa pensar, para superar uma situação de inferioridade. É preciso antes de mais nada estar em condições de participar ativamente dos processos de inteligência coletiva que representam o principal interesse do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 238)

Outro ponto cabível para discussão, que envolve níveis de escolaridade, é quando citamos a questão dos intercâmbios e compartilhamento de técnicas via redes sociais na internet. Como o fato de existirem dificuldades quanto ao acesso a esses materiais ou mesmo, se possuindo acesso, questões como não se poder desfrutar de materiais em línguas estrangeiras, por exemplo. Hoje em dia, percebemos que com o surgimento das redes e mídias sociais na internet, o compartilhamento de vídeos, tutoriais e fotos facilitou questões como a falta de alfabetização, no caso específico do artesanato. Explicamos desta maneira o argumento, devido ao artesanato se tratar de um fazer baseado principalmente na execução de técnicas manuais a linguagem não se tornaria um fator determinante na capacidade de se reproduzir técnicas, ou mesmo se inspirar em fotos e vídeos de outros produtos artesanais feitos ao redor do mundo. Entretanto, para se fazer buscas na rede é necessário saber ler/escrever, diria até que se torna um obstáculo

---

<sup>3</sup> De acordo com os resultados do questionário anual de educação, referente ao segundo trimestre de 2018, feita pela a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE (2019), no Brasil, havia 11,3 milhões de pessoas com 15 anos ou mais de idade analfabetas.

para saber em quais plataformas e ferramentas poderíamos buscar informações sobre artesanato. Evidentemente, mesmo que a educação básica oferecida no país seja precária e não supra certas demandas, como no caso dos idiomas estrangeiros, ao menos, nos aproximamos de ter o mínimo de compreensão desses conteúdos proporcionando assim algum nível de interação. Sem educação isso fica muito mais distante.

Outra observação que podemos extrair deste tópico se baseia no fato de que a maioria das pessoas que fizeram parte da investigação possuía apenas o ensino médio, isto é, está associado ao artesanato ainda ser diretamente ligado às pessoas de classes sociais menos favorecidas, fato este que é marcante na história dos fazeres artesanais.

Ao longo da nossa delimitação de pesquisa, onde perpassamos por vários lugares cujo enfoque era o artesanato, e em especial a feirinha de Pequenos Negócios, programa desenvolvido pela prefeitura para estimular a geração de emprego e renda para os pequenos empreendedores da cidade, notamos que essas iniciativas são voltadas, em sua maioria, para as classes mais desprovidas e que buscam no artesanato alternativas para sobreviver.

Analisadas as questões envolvendo os níveis de escolaridade em relação a internet e sites de redes sociais, findamos as discussões deste tópico confirmando que quanto mais se tem acesso à educação, mais próximos de um universo de amplitude incomparável ficamos, a questão da educação se torna um ponto basilar para a efetiva utilização dos espaços que dispomos no universo digital.

Findamos este tópico de discussões fortalecendo que uma visão sistêmica do universo precisa ser levada em consideração, para a perspectiva de observação do fazer artesanal e utilização das redes sociais. Dessa forma, teremos que voltar nossas atenções para os atores que compõem essas interações, e entender que todos os elementos que dizem respeito ao uso ou não desses aparatos tecnológicos estão diretamente relacionados à problemas básicos de distinção social como: gênero, faixa etária, poder aquisitivo e acesso à educação e suas especificidades.

## 5.2 TRANSMISSÃO DOS CONHECIMENTOS ARTESANAIS E FONTES DE INFORMAÇÃO PARA ARTESANATO

Nesse tópico, abordaremos questões relativas às fontes de informação utilizadas nos processos de aprendizagem do ofício e profissionalização dos artesãos, através da análise das questões “onde você aprendeu a fazer artesanato?” e “onde você costuma buscar informações sobre artesanato?”, abrangendo a temática 2 do questionário.

Em primeiro momento, atemo-nos às considerações em torno da questão de quesito aberto, “Onde você aprendeu a fazer artesanato”.

Apesar de já traçadas algumas observações sobre esse item, quando analisamos a questão da faixa etária, tecemos tais considerações com enfoque nas pessoas que exprimiam a mensagem. Explicamos melhor, nos apontamentos anteriores, o foco era quem estava falando a sentença, os jovens ou os velhos.

Entretanto, nesse momento da pesquisa, modificamos o foco. A intenção de análise aqui é uma ambientação de onde se deu o contato inicial do artesão com seu fazer artesanal. Dessa forma, desejamos verificar as conformações tradicionais do trabalho artesanal em paralelo as transições técnicas que marcaram a sociedade, devido ao surgimento da internet. O objetivo proposto se configura na identificação do que os artesãos dizem, ou seja, o enfoque se dá na mensagem em si e as ideias expressas nelas.

O material recolhido nesta questão, assim como todos os que se originaram de quesito aberto, passou por um processo metodológico de análise de conteúdo. O tratamento das informações percorreu cinco etapas essenciais descritas no método de análise de conteúdo, que, segundo Moraes (1999), se constituem em: preparação, unitarização, categorização, descrição e interpretação.

As unidades de análise, por categoria, se constituíram em onde se deu a aprendizagem, fazendo referência ao contexto, que são descritas a seguir:

- FAMÍLIA - o primeiro contato ocorreu no contexto tradicional familiar;
- CURSOS - consideramos as respostas que faziam referência à aprendizagem através de cursos. Apesar de possuir a presença de um artesão facilitador, nos apegamos a ideia de que cursos se configuram em uma instância maior, uma instituição, organização ou marca, e não associada à figura de uma pessoa apenas;

- AMIGOS OU OUTROS ARTESÃOS - Consideramos as respostas que eram marcadas por serem repassadas, conforme a tradição oral, por pessoas fora do contexto familiar;
- AUTODIDATA - classificamos aqui os artesãos que declararam obter os conhecimentos das técnicas e minúcias artesanais de maneira independente a mediadores.

Outro detalhe que acreditamos ser prudente esclarecer, é referente a numeração relacionada aos artesãos que aparecem citados no decorrer da pesquisa. Esses números não são frutos de uma ordenação numérica, por exemplo, do artesão 1 ao artesão 45, foram colocados apenas de forma ilustrativa, para fins de organização textual, evitando possíveis confusões de entendimento, no momento da leitura.

Na primeira categoria, observamos 14 questionários com respostas que indicavam a aprendizagem do ofício dentro de casa, com os familiares. Um fato que se faz importante frisar é que metade desses questionários apresentavam a mulher como figura mediadora principal, como podemos observar nas respostas dos artesãos a seguir:

Questionário 1 - “é um trabalho já desenvolvido pela família já a algum tempo, aprendi com minha mãe, irmã, madrinha e etc.”;

Questionário 2 - “com a minha mãe, ela também é artesã”;

Questionário 3 – “com a minha esposa”.

Esses dados corroboram com as discussões de gênero abordadas nesse trabalho, que colocam as mulheres à frente das transmissões dos saberes no contexto doméstico. Outro ponto relevante observado, é que podemos perceber algumas características das formas tradicionais de se fazer artesanato nas falas dos artesãos participantes. Características como a aprendizagem por observação e o enraizamento desde a infância, como podemos notar, respectivamente, nas seguintes respostas:

Questionário 1 - “Em casa olhando os outros fazendo, família”;

Questionário 2 - “Desde criança, no interior, com a família.”.

Mesmo diante desse contexto familiar, com formas tradicionais de artesanato, apenas 3 pessoas dessa categoria responderam negativamente à pergunta “você utiliza redes sociais como ferramenta de trabalho?”. Inclusive, mesmo o artesão descendendo de raízes tradicionais, notamos interações com os espaços digitais, verificadas na seguinte resposta do artesão:

Questionário 1 - “primeiro com familiares e depois na internet.”.

Seguindo com a observação das categorias, passamos a analisar as respostas dos artesãos que fazem parte da categoria Cursos. Esse grupo foi composto por 11 artesãos. Encontramos respostas desde “Projeto social” e “curso particular” a “Fiz curso em algumas lojas e também pela internet” ou “cursos, através da internet”.

Essas respostas nos sugerem que as ofertas de cursos que repassem técnicas artesanais são iniciativas que partem das mais diversas instâncias, sejam públicas, particulares, lojas (que buscam um novo nicho econômico) ou mesmo cursos através de plataformas digitais.

Algumas respostas se destacaram das demais, por expressar uma preocupação interessante com uma abordagem ao público jovem. Observe os seguintes relatos:

Questionário 1 - “cursos realizados desde a infância até a época atual”;

Questionário 2 - “cursos desde a juventude, aperfeiçoamento pela CEART”.

Esses dois questionários pertenciam a duas artesãs que possuíam faixa etária “mais de 40” anos. Esses dados nos fazem supor que não é de hoje que se existem iniciativas em disseminar os fazeres artesanais e preocupações em se olhar para os jovens como um público promissor para se manter viva a classe artesanal.

Em sequência a análise, observamos as respostas da categoria Amigos ou outros artesãos. Nessa categoria, composta por 8 integrantes, percebemos que o artesanato perpassa por vários espaços, como verificamos na resposta “na praia com outros artesãos”. Nesse grupo, 3 indivíduos se declararam como não utilizadores das redes sociais no seu contexto de trabalho. Porém, levando em conta a resposta “Com ensinamentos de outros artesãos e fontes buscadas pela internet”

percebemos a existência sutil das ferramentas do ciberespaço na vida dos artesãos mais alternativos (entende-se aqui, os artesãos que se distanciam mais das configurações tradicionais que conhecemos de fazer artesanal - tradição familiar, oficinas de mestres artesãos)

Prosseguindo com a análise, agora para a última categoria, intitulada, Autodidatas. Nessa classe, os artesãos colocaram respostas que expressavam habilidades autodidatas para aprendizagem dos saberes artesanais, formada por 9 artesãos. As respostas dos integrantes destacaram duas características: a iniciativa de buscar aprender partindo de interesse próprio e a tecnologia como fator condicionante.

A identificação da primeira característica se deu com respostas como “Por conta própria. Curiosidade”, ou “comprei uma peça desfiz e comecei a fazer”, ou “na época só fazendo roupa de boneca, fazendo pra mim mesma”, ou ainda “sozinha, pesquisando”. A segunda característica pode ser percebida em respostas encontradas como “em casa, com vídeos” ou “internet”.

Analisando as respostas e as categorias da questão é possível observar alguns dos tópicos citados no referencial teórico da nossa investigação, como por exemplo a ressignificação das técnicas com o advento da internet e redes sociais, defendida por Pierre Lévy (1993), ou a questão das transformações das velhas tradições e apropriação as novas práticas inventadas, exposta por Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1984).

Percebe-se que o contexto dos artesãos pesquisados é permeado pelas ferramentas tecnológicas, mesmo para as categorias vistas como mais tradicionais.

Em seu livro, Porto Alegre (1994), para retratar as mudanças ocorridas no mundo do artesanato frente a revolução industrial, expõe um paradoxo “[...] nada mudou e tudo mudou desde os tempos das corporações de ofício do século XVIII até o presente” (PORTO ALEGRE, 1994, p. 24). É verdade que as técnicas executadas para a feitura do objeto artesanal se mantêm as mesmas desde antiguidade até os dias atuais, e que o ambiente doméstico ainda é o predominante no quesito transmissão de saberes artesanais, mas discordamos com esse paradoxo. Diante dos fatos identificados nos questionários, ousamos dizer, que tudo mudou e ponto. Ponto não, reticências! Pois, ninguém pode prever o que o futuro reserva para o artesanato diante das dinâmicas influenciadas pelas ferramentas tecnológicas. Se as formas como nos relacionamos no dia a dia mudaram, a economia mudou, os

espaços geográficos mudaram, por quais motivos o artesão se manteria estático diante do contexto que ele está inserido?

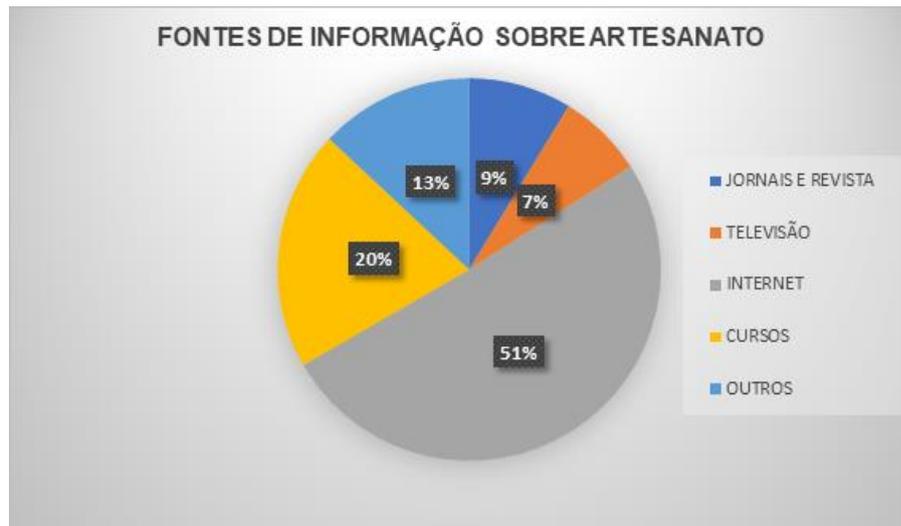
Transformações ocasionadas por descobertas ao longo da história da humanidade trazem modificações nas relações com o trabalho e com a arte, alteram o *modus operandi* das dinâmicas artesanais e seus múltiplos universos. Uma visão otimista sobre a internet e as redes sociais nos faz vislumbrar mais um espaço para apoiar a categoria nos vários aspectos que a envolvem: a produção, comercialização, divulgação do produto artesanal ou a elaboração e disseminação das políticas públicas. O que nos leva a segunda questão a ser analisada neste tópico.

“Onde você costuma buscar informações sobre artesanato?”, foi uma colocação que surgiu a partir da necessidade de se identificar como os artesãos obtinham informações acerca do artesanato e se mantinham atualizados, por qualquer motivação que seja. O artesão com seus conhecimentos de técnicas já estabelecidas, o seu saber firmado, também têm necessidades informacionais em relação ao seu trabalho.

Nesse item, muitos dos artesãos participantes marcaram mais de uma opção disponível na questão, então o seu apuramento estatístico se baseou em quantas vezes a opção vinha marcada nos questionários, ou seja, contabilizamos o número de vezes assinalada.

Na liderança do ranking de fontes de atualização encontra-se a internet, marcada em 35 questionários, seguida da opção cursos, 13 vezes marcadas, depois a opção ‘outros’, assinalada em 12 questionários, sequenciados pela opção jornais e revistas, com 6 questionários, e, por fim, a opção televisão, que surge em 5 questionários.

Gráfico 7 – Fontes de informação para artesanato



Fonte: Elaborado pela autora

Podemos analisar que o fluxo informacional sobre artesanato está presente em diversas esferas, desde materiais impressos e mídias tradicionais a redes de conexão mundial na esfera digital, fato esse que pode contribuir, de maneira considerável, com trocas de informações úteis para uso profissional do artesão.

Na trajetória de nossa investigação, ao realizar buscas por informações acerca do segmento artesanal, percebemos que existe um uso com mais afinco das plataformas digitais, até mesmo por parte das instâncias públicas. Como exemplo disso podemos citar vários perfis em plataformas como o *Instagram*<sup>4</sup>. Nessa plataforma encontramos desde o perfil da CEART, onde podemos verificar a exposição de fotos de produtos artesanais, e inúmeras publicações falando das origens e peculiaridades das diversas tipologias artesanais do estado. Encontramos, também, perfis como o da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho (EAOTPS), que se utiliza dessa plataforma para divulgação de seu programa de formação básica de cursos de capacitação em diversas tipologias e técnicas do artesanato cearense, como couro, madeira e bordados; além disso, existem publicações voltadas para eventos, palestras e encontros na área do artesanato. Na plataforma do *Instagram*, podemos encontrar, também, perfis dos próprios artesãos, desde os mestres renomados como Espedito Seleiro, de Nova Olinda-CE, a perfis de famílias de artesãos da cidade de Fortaleza, como a Art Zion.

<sup>4</sup> Dados baseados nos perfis encontrados no site <https://www.instagram.com/?hl=pt-br>.

Ou seja, esses espaços surgem como possibilidades para promover o artesanato, proporcionando a ampliação das oportunidades de trabalho, trocas informacionais e geração de renda para os artesãos.

Consideramos importante frisar nessa questão sobre fontes de informação para artesanato, curiosidades sobre a opção 'Outros', colocada no questionário. Nessa opção, deixamos um espaço para especificação de quais seriam as outras fontes de informação usadas pelos artesãos entrevistados. Em sua maioria, nesse campo, foram colocadas respostas como: "com outros artesãos" ou "amigos", sugere-se assim a existência de uma rede colaborativa entre os integrantes da classe.

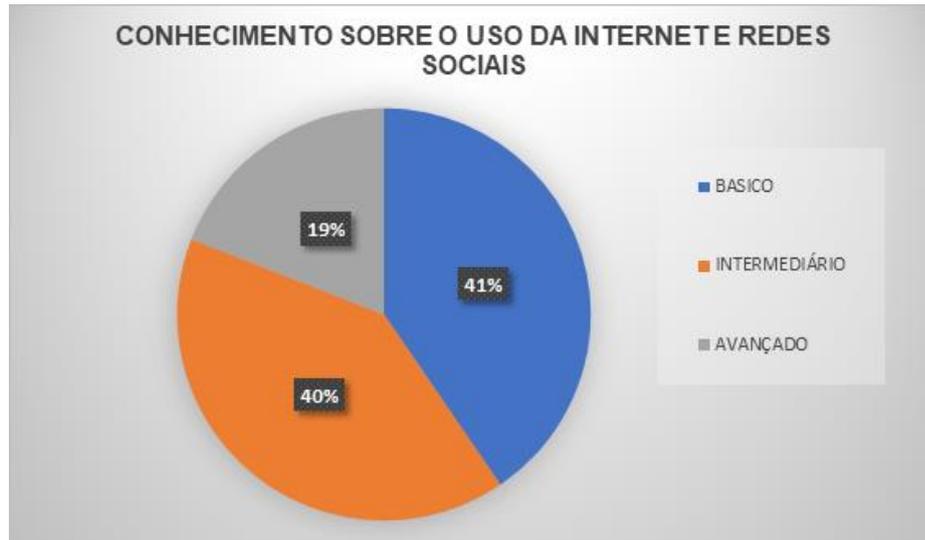
### 5.3 REDES SOCIAIS NA INTERNET E O TRABALHO ARTESANAL

Quanto mais se desenvolvem os processos envolvidos na realização das atividades humanas, mais mutações são percebidas nos aspectos sociais e culturais. Encarando o artesanato com essa visão, e levando em conta que, além da produção de objetos utilitários, o artesanato se configura em uma relação simbólica com a cultura, neste tópico, direcionamos nossa atenção para utilização das redes sociais em si, no âmbito do fazer artesanal.

Em primeiro momento, nossa intenção foi verificar se os artesãos se julgavam entendedores da utilização dessas ferramentas disponíveis no meio digital. Se eles sabem operá-las e usa-las a seu favor, de forma plena e consciente.

Verificou-se que a maior parte dos investigados na pesquisa, respectivamente 41% e 40% dos artesãos participantes, se julgam com conhecimentos básicos e intermediários no uso desses aparatos tecnológicos. Importante destacar aqui, que procuramos propor também uma certa autoavaliação dos próprios artesãos para o uso da internet e redes sociais, não restringindo o seu uso ao ambiente laboral.

Gráfico 8 – Conhecimento sobre o uso da Internet e Redes Sociais



Fonte: Elaborado pela autora

Esses dados nos levam a refletir que fato de não se saber usar (ou possuir apenas conhecimentos básicos), mesmo pressupondo uma não utilização, não necessariamente implica isso. Entretanto, ao analisar as questões sobre os níveis de escolaridade, percebemos a importância de se ter acesso à educação para uma efetiva utilização dos espaços virtuais e imersão no mundo ilimitado de conexões. Nesse sentido, ao verificar apenas 8 artesãos que se julgam com conhecimentos avançados sobre o uso da internet e rede sociais, supomos uma carência que a classe artesã possui. Entretanto, essa carência do saber usar é contestada com os resultados da questão que aparece em sequência no questionário, intitulada “você utiliza as redes sociais como ferramenta de trabalho?”, que revela uma grande maioria de artesãos utilizadores das redes sociais.

Dessa forma, com a intenção de elucidar as questões propostas por essa investigação, traçamos considerações baseadas nas seguintes proposições: as redes sociais são utilizadas no âmbito do fazer artesanal? Com que frequência se utiliza essa ferramenta como ramificação de trabalho? Quais são os espaços, ou seja, os tipos de redes sociais, que os artesãos utilizam no meio das interações virtuais? Se eles usam, quais são motivos que o levam à essa ação? E por fim, quais são os benefícios identificados e os aspectos negativos, através da visão do próprio artesão, na utilização dessas plataformas para o trabalho artesanal.

Diante dessas indagações é que traçamos o desenvolvimento das discussões deste tópico.

As pessoas, em geral, utilizam as redes sociais de maneira espontânea, principalmente para interagir entre si socialmente, porém com o aprimoramento dos sites das redes sociais, abriu-se um leque maior para o desenvolvimento de vários setores da vida social. Por sua essência de liberdade, seu caráter aberto, a internet e as plataformas digitais se configuram como terrenos férteis para a expansão do caráter empreendedor e criativo dos artesãos.

Na questão “você utiliza as redes sociais como ferramenta de trabalho?”, verificamos que a maioria dos artesãos utiliza as redes sociais no âmbito do seu trabalho.

Gráfico 9 – Utilização das redes sociais para o trabalho artesanal



Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse gráfico, a primeira consideração que gostaríamos de tecer se baseia na observação, também, dos indivíduos que se colocaram como não utilizadores dos SRS.

Infelizmente, no decorrer do nosso percurso investigativo, não nos aprofundamos em questões acerca dos efeitos que as diferenças de acesso aos suportes tecnológicos provocam entre os artesãos. Por exemplo, quais as diferenças (aqui cabem comparações de cunho econômico, também) entre um artesão que se utiliza e sabe usar as redes sociais e um artesão que não tem acesso às ferramentas ou mesmo se opõe às mudanças tecnológicas sociais. Mesmo que o enfoque de nossa pesquisa esteja na utilização das redes sociais na internet, não

nos empenhamos em investigar os motivos pelos quais certos artesãos não se utilizavam desses aparatos em seu contexto laboral. Centralizamos os esforços em averiguar apenas se havia ou não utilização por parte dos artesãos dos SRS.

Nesse sentido, precisamos esclarecer que em nenhum momento possuímos uma visão utópica da utilização das Redes Sociais na internet, não esquecendo de tratar dos problemas que a envolvem. É preciso discutir sim as questões de acesso, as questões da diversidade e identidade cultural diante da universalidade da internet, porém, se apenas nos focarmos nas dificuldades, não conseguimos vislumbrar o potencial positivo dessas ferramentas para o campo do artesanato.

As implicações desse uso/não uso nos fazem pensar não só sobre a democratização desses espaços para artesãos, mas, também, sobre a recusa das novas tecnologias por parte de alguns componentes dessa categoria.

No subgrupo dos artesãos que declararam não utilizar as redes sociais no seu trabalho, percebe-se uma certa resistência nas falas. Para exemplificar a suposição, utilizaremos o questionário de um dos integrantes que compõe essa categoria. Ao responder à questão sobre a utilização das redes sociais no seu âmbito de trabalho, mesmo se configurando como um item de quesito fechado (com opção de SIM/NÃO), a artesã fez questão de deixar registrado, ao lado da opção assinalada, os seguintes dizeres:

“(X) NÃO – Até porque eu gosto é de criar, as redes sociais eu só uso suplemento”.

Poderíamos supor aqui que as questões de resistência estão ligadas às pessoas que compõe uma faixa etária mais elevada, pessoas que talvez estejam desacostumados com as ideias do novo. Entretanto, quando nos debruçamos sobre as discussões envolvendo faixa etária tratadas anteriormente na pesquisa, constatamos que a maioria da amostra é composta por artesãos acima de 40 anos, que usam e reconhecem os valores da internet e redes sociais. Então, supomos que essa resistência está atrelada ao significado de manutenção da tradição na atividade artesanal, levando em consideração que a maioria dos indivíduos que compõe a parcela que declarou não utilizar as redes sociais aprendeu seus ofícios nos ambientes onde a tradição familiar prevalecia.

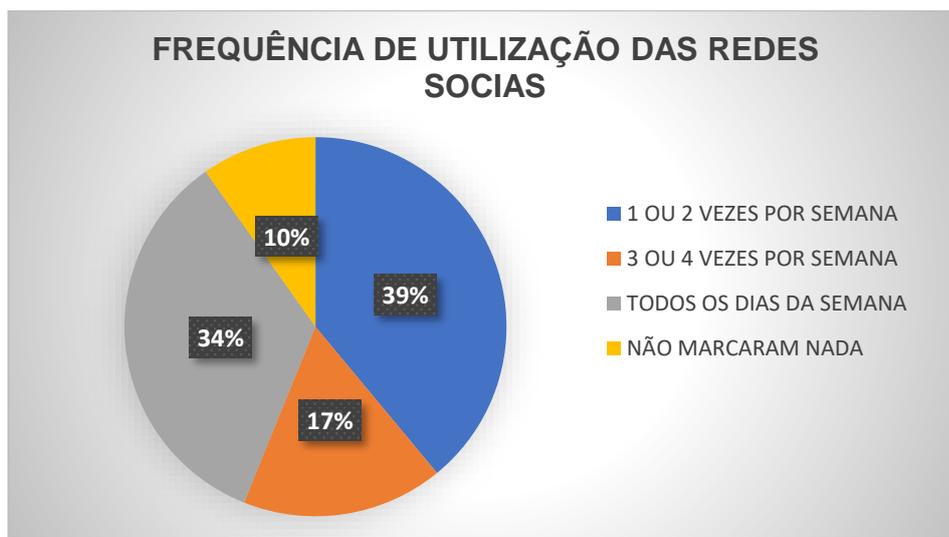
Pierre Lévy (1999), retrata isso ao falar,

[...] para as classes sociais ou regiões do mundo que não participam da efervescência da criação, produção e apropriação lúdica dos novos instrumentos digitais, para todos esses a evolução técnica parece ser a manifestação de um “outro” ameaçador (LÉVY, 1999, p. 28)

Entretanto, essa resistência só aparece para quem não enxerga na internet ou nas redes sociais locais para preservar e disseminar essas tradições. Diante dos dados apresentados no gráfico, supomos que a maioria dos artesãos abordados no questionário, dotados de saberes técnicos e com marcas de um pertencimento cultural, vislumbram nos ambientes virtuais espaços para se impor diante da sociedade global, um mecanismo para se fazer notar e fortalecer laços.

Dito isso, partiremos para as discussões acerca das frequências de uso dos Sites de Redes Sociais por artesãos.

Gráfico 10 – Frequência de utilização das Redes Sociais



Fonte: Elaborado pela autora

A princípio, as intenções com as colocações nessa questão eram apenas identificar as frequências de uso de maneira geral, ou seja, verificar de maneira efetiva se as redes sociais faziam parte do cotidiano, do dia a dia dos artesãos. Diante disso, apuramos que a maioria dos artesãos marcou a opção “1 ou 2 vezes por semana”.

Um Fato comparativo interessante é que as categorias “1 ou 2 vezes por semana” e a categoria “todos os dias” possuíam quase o mesmo número de integrantes, revelando assim a diversidade existente no público alvo da pesquisa,

que remete, talvez, as diversas tipologias artesanais, carregadas de peculiaridades que fazem do artesanato um produto tão heterogêneo.

Nesse sentido, mesmo que de forma remota (consideramos remota aqui a utilização das redes sociais de 1 ou 2 vezes por semana), a maioria dos questionários apresentavam rastros de que os artesãos tinham a consciência das possibilidades que esse universo oferecia ao mundo do artesanato, e mais importante que isso, a maioria vislumbrava as tecnologias como algo positivo.

Desenvolvendo as discussões desse tópico, partimos agora para investigar as redes sociais mais utilizadas pelos artesãos, objetivando ter indícios de quais são os lugares ocupados por esses profissionais nos ambientes do Ciberespaço. Em seguida, faz-se uma conexão com os dados referentes aos motivos de uso das Redes Sociais na Internet.

Gráfico 11 – Redes Sociais mais usadas



Fonte: Elaborado pela autora

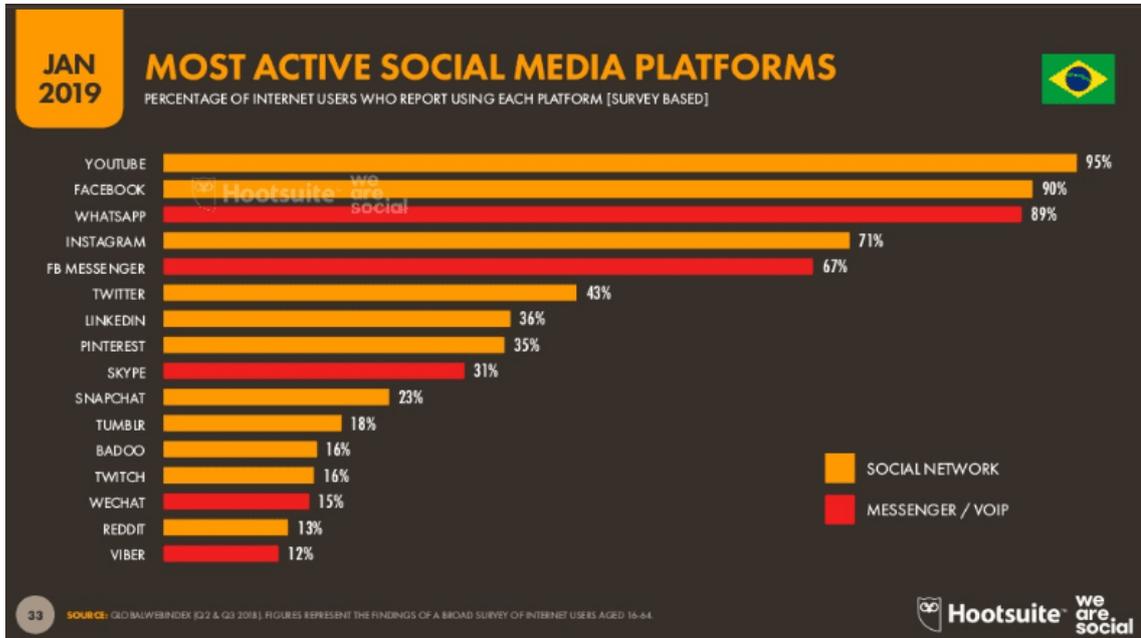
Segundo o gráfico, as redes sociais na Internet mais usadas pelos artesãos são, em ordem de preferência dos artesãos entrevistados: *WhatsApp*, *Youtube*, *Facebook*, *Instagram*, *Pinterest* e *Outros*.

Precisamos chamar atenção aos processos quanto à identificação das Redes mais populares, que se basearam na quantidade de vezes que a opção veio marcada, devido ao fato de que em vários questionários os artesãos assinalaram mais de uma opção.

A título de comparação, colocamos uma tabela para evidenciar as especificidades de uso das redes sociais no seguimento do artesanato. A figura a

seguir foi extraída do relatório de 2019, produzido pela empresa *We are social* (2019), onde mostra as redes sociais mais usadas pelos brasileiros, com dados apurados até o início desse mesmo ano.

Figura 1 – Dados sobre as redes sociais mais usadas no Brasil

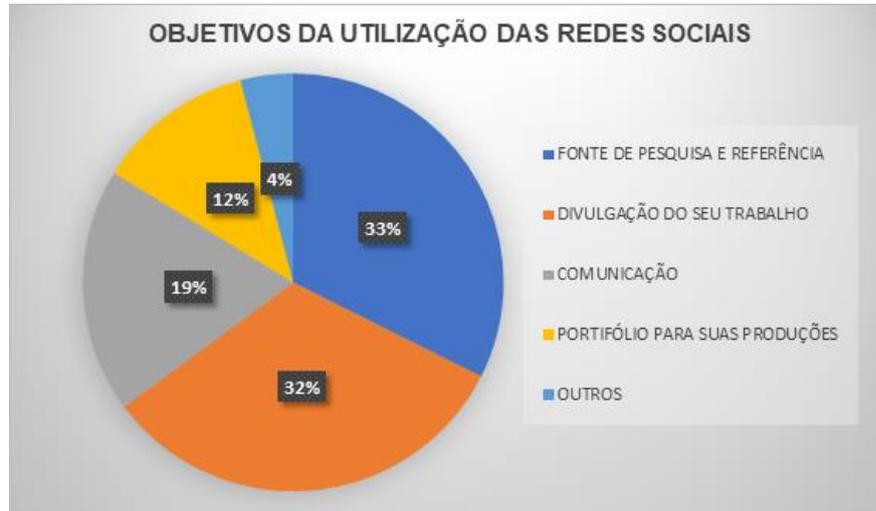


Nessa figura, as redes sociais que aparecem como mais usadas no país são *Youtube*, *Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram*. Entretanto, quando se comparam os dados obtidos nas duas situações, verifica-se uma alteração de valores, baseada principalmente nas motivações de uso dessas plataformas. Isso quer dizer que o trabalho artesanal está inserido em um contexto que o envolve, e não pode ser visto de forma segmentada, absorvendo não só valores culturais, mas acompanhando as tendências econômicas e técnicas industriais. Silva (2011) apresenta que o trabalho artesanal “[...] não pode ser estudado de forma isolada, mas como um fenômeno histórico, cultural e socioeconômico integrado que engloba todas as dimensões sociais”. (SILVA, 2011, p. 65)

Por esse motivo, torna-se impossível analisar as redes sociais mais usadas sem nos questionarmos as razões dessa utilização. Será que esse Ranking é o resultado dos tipos de uso que os atores sociais fazem dessas ferramentas?

Tais observações nos levam a discussões sobre os resultados obtidos no gráfico a seguir, apurados através da questão “Com qual/ quais objetivos você utiliza as Redes Sociais? (marque quantas opções julgar apropriado)”

Gráfico 12 – Objetivos da utilização das Redes Sociais



Fonte: Elaborado pela autora

Nessa questão, também elaboramos o gráfico com base na quantidade de vezes que as opções apareciam marcadas nos questionários, para poder identificar o porquê dos usos dessas redes pelos artesãos estudados. Nesse tópico, julgamos importante não limitar as respostas dos artesãos, preferimos esclarecer no enunciado a possibilidade de se marcar mais de uma opção.

Diante do exposto, podemos supor, segundo os dados obtidos em relação as redes sociais mais usadas, que as principais motivações se dariam pelas necessidades de comunicação, visto que o *WhatsApp* está em primeiro lugar de uso no ranking. Esse argumento é justificado devido a característica principal da rede social citada acima ter foco em interação direta com outros atores. As suposições são reforçadas, também, diante de algumas falas dos próprios artesãos, através das respostas da questão “Você acha que as redes sociais contribuem de maneira positiva para seu trabalho? Comente de que forma”. A título de ilustração, transcrevemos as seguintes falas:

Questionário 1 - “Na maioria das vezes o cliente mora longe, e então enviam foto, fica melhor de fechar a venda”;

Questionário 2 - “sim, eu consigo falar diretamente com o cliente, crio laço, fidelizo”.

Nessas falas, podemos identificar alguns pontos importantes a serem observados, tais como: a questão da relativização dos espaços geográficos e a facilitação dos processos econômicos, no tangente à venda de produtos artesanais, proporcionada pelas ferramentas digitais.

Entretanto, essas suposições se dissolvem quando analisamos os dados obtidos através do Gráfico 12. Nesse ponto, constatamos que as principais motivações dos artesãos ao utilizar as redes sociais não são baseadas em necessidades de comunicação, mas sim em se obter fontes de pesquisa e referencial do fazer artesanal, visto que a opção que apareceu marcada com maior frequência foi a alternativa “Fonte de pesquisa e referência”. Depois, seguida das opções “Divulgação”, “Comunicação”, “Portifólio para suas produções” e “Outros”, sendo que essas duas últimas apareceram em menor frequência na pesquisa. Dentre os participantes que marcaram a opção “Outros”, especificaram com pesquisa de preço e vendas.

Considerando o motivo principal encontrado nas respostas, podemos supor que as redes sociais surgem como uma fonte de inspiração que auxilia o processo criativo, trazendo referências para a produção artesanal, de acordo com as tendências de mercado. Podemos destacar, como exemplo disso, a existência dos tutoriais presentes nos ambientes virtuais, como uma ferramenta auxiliar importante, citada até mesmo pelos próprios artesãos, durante o processo de produção artesanal.

Verificamos isso a partir das falas encontradas na questão “Você acha que as redes sociais contribuem de maneira positiva para o seu trabalho? Comente de que forma.”, dispostas a seguir:

Questionário 1 - “Tiro minhas dúvidas e aperfeiçoo o meu trabalho”;

Questionário 2 - “Sim os canais com passo a passo são uteis”;

Questionário 3 - “Gosto de pesquisar algumas coisas, tirar dúvidas e aprender mais, e também eu crio muitas coisas.”;

Questionário 4 - “Sim, para aprender e melhorar a criatividade”;

Questionário 5 - “Para criar nova ideias”;

Questionário 6 - “Certeza, cada dia aprendo novas técnicas”;

Questionário 7 – “Sim, sempre encontro novidade para aprimorar o que eu faço”.

Diante de tais respostas, fica evidente que as redes sociais atuam como uma fonte de referência visual e criativa para na produção desses artesãos e que essas ferramentas facilitam os processos de aprendizagem de novas técnicas artesanais. Considerando a questão da observação como fator determinante na construção do produto artesanal, ou seja, agilidade no aprendizado por imitação e repetição, ferramentas como o *Youtube* disponibilizam facilidades de aprendizagem, pois as técnicas divulgadas nesses meios podem ser captadas apenas através do contato visual, ou seja, apenas em ver pode-se aprender e compartilhar uma técnica milenar tradicional. Tudo isso, observando que a produção artesanal se caracteriza primordialmente pela execução de técnicas munidas de criatividade e que carregam os valores da identidade cultural em que o artesão está inserido.

Outra motivação, com grande relevância, destacada nas respostas dos questionários, se faz na divulgação. Como já mencionado no decorrer dessa pesquisa, muitos artesãos criam perfis nas redes sociais com o intuito de expor seus produtos artesanais e, nesse espaço, alcançar um número maior de pessoas, dando maior visibilidade e relevância ao seu trabalho.

Esses argumentos podem ser identificados nas respostas a seguir:

Questionário 1 – “Sim, você alcança todos os públicos”;

Questionário 2 – “Sim, pois me oferece uma oportunidade de expandir o meu trabalho”;

Questionário 3 – “Com certeza em divulgação”;

Questionário 4 – “Além de ficar atualizada quanto as tendências, dá uma maior visibilidade ao produto.”

Questionário 5 – “Sim. Na forma de postagem”;

Questionário 6 – “Sim, você tem mais ideias e ajuda a compartilhar com outras pessoas. Te mantém atualizada, para os dias atuais”;

Questionário 7 – “Sim. Divulgação dos trabalhos, clientes novos. Demanda maior.”;

Questionário 8 – “Sim. O acesso a pessoas, através de fotos postadas, os clientes te procuram, onde surge a venda”;

Questionário 9 – “Sim, porque posto meus produtos e vendo através das redes sociais”.

Dessa forma, notamos que a necessidade de sobrevivência e adequação da produção artesanal às novas estratégias de mercado, bem assim o processo criativo, são influenciados a partir das coisas observadas ao seu redor, e que as conexões realizadas no âmbito das redes sociais são levadas para o contexto das experiências pessoais de trabalho do artesão.

A influência e participação dos clientes na produção artesanal, na forma de direcionamento das demandas a serem feitas, também é um fator sutil observado na pesquisa.

Segundo Porto Alegre (1994), as encomendas, que são a forma mais comum pela qual se executa um trabalho, acaba atuando como um forte impulso para o processo de criação do artesão. Esses profissionais, partindo de outras referências visuais recebidas pelos clientes, elaboram peças usando as técnicas artesanais. A autora coloca que,

A encomenda pode ser feita a partir de modelos de revistas, caso dos objetos de barro e de palha. Imagens de santo “é como o freguês pede”, as vezes ele traz uma fotografia, uma estampa ou uma imagem já pronta para ser reproduzida. Os modelos podem vir também por meio de amostras, de desenhos ou de algo imaginado pelo comprador. (PORTO ALEGRE, 1994, p. 102)

Notadamente, verificamos que, para o público pesquisado, a internet e principalmente as Redes Sociais induzem transformações na produção, busca, acesso e disseminação da informação sobre artesanato.

Fato esse que nos leva a discutir os benefícios e pontos negativos identificados pelos próprios artesãos, através das questões: “Você acha que as Redes Sociais contribuem de maneira positiva para seu trabalho? Comente de que forma” e “Existe alguma dificuldade ou aspecto negativo que você identifica no uso das redes sociais no contexto de seu trabalho?”

Na questão referente às contribuições positivas das redes sociais no trabalho artesanal, categorizamos as respostas do questionário entre os que concordavam ou

discordavam da afirmativa. Nesse item, focamos nossa perspectiva de análise de conteúdo na mensagem transmitida em si. Destacamos que apenas um dos questionários apresentava uma resposta negativa à pergunta. Todos os outros artesãos escreverem SIM, para a questão.

Entretanto, nesse tópico, gostaríamos de registrar, também, como esses artesãos percebem as contribuições positivas dessas ferramentas, destacando algumas respostas interessantes, transcritas a seguir:

Questionário 1 - “Sim. Acesso a novas técnicas a troca de conhecimento e acesso a compra de material e equipamento disponíveis em centros mais modernos, como São Paulo e Minas.”;

Questionário 2 - “Sim. Vendas, fonte de pesquisa, tutoriais”.

Questionário 3 - “Sim. Com pesquisas, aprendizado, novos modelos. Criação”;

Questionário 4 - “Sim. O acesso às pessoas, através de fotos postadas, os clientes te procuram, onde surge a venda”;

Questionário 5 – “Sim. Com informação, visualização de trabalho, ensinamento de como fazer o objeto, locais onde comprar material”;

Questionário 6 – “Sim. Nos deixando mais atualizados”;

Questionário 7 – “Sim, sou facilitadora de oficinas com idosos, as redes sociais pra mim, é uma ferramenta de trabalho”;

Questionário 8 - “Com o conhecimento passado para outras pessoas, conseguimos divulgar, nos comunicar, aprender e a ensinar um pouco mais do que é a arte.”

Através dessas respostas, percebemos que com as mudanças tecnológicas estabelece-se uma relação de adaptação funcional das práticas artesanais. Frente à estrutura da nova ordem social, política e econômica, é cabível se pensar em expandir as possibilidades das técnicas para o universo do Ciberespaço.

Para finalizar as discussões desse tópico, analisamos a questão referente aos aspectos negativos identificados pelos artesãos, no contexto de seu trabalho. Nesse item, categorizamos as respostas entre os que encontram aspectos negativos e os que não encontram. A maioria dos artesãos declarou não encontrar aspectos negativos nas redes sociais. Entretanto, colocamos a seguir as respostas de maior

expressividade quanto ao que os artesãos vislumbram sobre os aspectos negativos nesses dispositivos:

Questionário 1 – “Às vezes tenho clientes que desvalorizam meu trabalho quando acham caro”;

Questionário 2 – “Pessoas que usam de má fé para passar trote fazendo encomenda e não querendo”;

Questionário 3 - “Sim. Cópias são ruins, tentativas de pechincha e tentativas de golpe disfarçados de vendas”.

Diante das respostas selecionadas, podemos discutir alguns problemas advindos da era digital, colocando à tona pautas como: a remuneração não condizente com a qualidade dos produtos artesanais, a questão das dificuldades ocasionadas pelo distanciamento entre atores, ou ainda sobre as incidências das imitações dentro do contexto da produção artesanal.

Diante da grande oferta de produtos dispostos nos meios virtuais, o distanciamento com o processo de produção provoca também uma certa dificuldade de compreender o valor agregado aos produtos. Ou seja, ao expor os produtos de seu trabalho nas redes sociais, os percursos da produção não ficam aparentes, o cliente só tem acesso ao resultado final e assim se dessensibiliza quanto ao valor colocado na peça. De certa forma, existe uma desvalorização do produto artesanal.

O outro ponto que podemos analisar é a questão do distanciamento entre os atores das redes sociais na internet, que está expresso nos relatos dos artesãos. Quando os clientes realizam a encomenda, mas não efetuam a compra, se supõe que o fato de não existir uma presença física provoque um descompromisso com o contato feito, fazendo com que o artesão dedique seu tempo à feitura daquele produto específico e seja em vão.

Por fim, ao discutir a última dificuldade identificada, colocamos o fator das cópias do trabalho artesanal e originalidade. Mesmo que pouco abordada no questionário, achamos interessante revelar a visão negativa das cópias nos trabalhos artesanais.

Em contrapartida, Porto Alegre (1994), ao abordar essa questão, expõe em suas pesquisas uma visão sobre a imitação não ser algo ruim ou depreciativo, chegando até a ultrapassar essa preocupação, devido a questão da sobrevivência.

Mesmo pelos que prezam pela criatividade ou, como coloca a autora, os artesãos escolhem produzir peças mais fáceis e que podem ser feitas em maior quantidade, proporcionando um retorno mais rápido.

Referente à temática 3, discutindo todas as questões que tratam das relações estabelecidas entre artesanato e Redes Sociais, percebe-se que a maioria tem consciência da importância das ferramentas dos Sites de Redes Sociais para o contexto do trabalho, e que elas exercem influências nos modos de fazer do artesanato atual.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das mudanças tecnológicas presenciadas pela humanidade no decorrer da sua evolução, a Internet e Redes Sociais ocupam um papel central nas profundas mudanças experimentadas em todos os aspectos da vida social. Considerando que o artesanato além de se configurar como produto da identidade cultural de um povo, também se mostra como um produto econômico atrelado a mudanças nas dinâmicas da economia global. A perspectiva de análise nesse estudo foi abranger os fazeres artesanais inseridos na era tecnológica.

Durante a execução dessa pesquisa alguns obstáculos foram determinantes nos passos a serem dados durante o seu desenvolvimento, desde as dificuldades de encontrar um espaço onde se pudesse dar corpo as técnicas metodológicas e investigativas com o público alvo, até a questão da disponibilidade dos artesãos para aplicação do questionário.

Nas primeiras tentativas de localizar o público alvo e realizar um primeiro contato, encontramos dificuldades pois vários locais voltados para produtos artesanais não eram ocupados pelos artesãos. Até encontrar o *lócus* da pesquisa foi um processo extremamente cansativo, mas instigante, pois alimentou outros anseios relacionados a temática, como o de descobrir quais locais os artesãos de fato protagonizam na cidade.

Durante esse trabalho, ao tentar provar ou refutar as hipóteses baseadas nas próprias vivências da pesquisadora, percebemos que as questões que envolvem o artesanato são tão plurais, diversas e influenciadas por inúmeros fatores que envolvem quem faz o artesanato e o contexto em que está inserido, quanto as técnicas e tipologias artesanais classificadas no país.

Essa pesquisa tornou-se esclarecedora para entender que o contato com novas situações que envolvem as relações humanas (a internet e os sites de redes sociais) afetam diretamente o trabalho artesanal, modificando as formas de se envolver com aquilo que produzem e seus modos de viver.

Acreditamos que os resultados da pesquisa foram satisfatórios e que os objetivos propostos foram atendidos. Pois, mediante a análise dos dados, constatamos que existe uma utilização das ferramentas do ciberespaço, especificamente as Redes Sociais, e que elas surgem como ferramentas facilitadoras e/ou transformadoras dos processos cotidianos dos fazeres artesanais.

Nesse sentido, talvez sejam possibilidades de futuras pesquisas as questões comparativas, para verificar diretamente, quais as diferenças e peculiaridades entres os artesãos que utilizam e os que não utilizam esses recursos tecnológicos nos seus fazeres cotidianos em diversos aspectos, desde a produção do produto artesanal até o alcance de vendas e a geração de renda desses profissionais.

Atendendo ao objetivo de identificação do perfil, concluímos que a amostra é composta em sua maioria por artesãos do gênero feminino, com faixa etária acima de 40 anos, que trabalham integralmente com artesanato e possuem nível de escolaridade predominantemente de ensino médio.

De acordo com a análise de dados, constatamos que em sua maioria os artesãos ainda adquirem seus saberes das formas tradicionais como conhecemos, a partir do contexto familiar, entretanto, um número considerável vem acompanhando as transformações sociais e sendo inserido no contexto artesanal a partir de cursos ou mesmo de forma autodidata. Verificamos, também, que esses artesãos buscam informações e se mantêm atualizados sobre o mundo do artesanato por meio da internet.

Através das respostas dos artesãos pudemos comprovar a hipótese de que as redes sociais, de maneira geral, são benéficas para a classe, mostrando, também, que existe uma consciência, dos próprios artesãos, em torno das possibilidades desses dispositivos e das vantagens de se usufruir desses recursos, bem como de aspectos negativos que envolvem o seu uso.

Identificamos as redes sociais mais usadas pelos artesãos da amostra, sendo o WhatsApp e Youtube, e com motivações de uso principalmente em torno de fontes de pesquisa, referência e divulgação.

Utilizamos os dados dessa pequena amostra da população de artesãos urbanos para sugerir implicações analíticas mais amplas sobre o uso das Redes Sociais no setor artesanal, proporcionando, dessa forma, futuras investigações por parte de estudiosos que se dedicam ao universo dos saberes artesanais, e contribuindo com uma construção racional e democrática dos conhecimentos em torno do artesanato na cidade de Fortaleza.

Acreditamos, que essa pesquisa, pelo fato de trazer um resgate histórico e conceituações pertinentes ao universo do artesanato no país, como também, faz um recorte da atuação recente desses profissionais, possa contribuir como referência

para estudos na área do artesanato, com relação a aprendizagem e as novas formas de ser e se relacionar dos profissionais artesãos na web.

Ao discutir a temática do artesanato e a utilização das redes sociais desejamos lançar reflexões sobre o que essas tecnologias representam nas vidas dos artesãos e quais papéis elas assumem.

Além disso, almejamos incentivar as buscas de profissionais bibliotecários com contribuições relevantes que englobem as investigações na área da biblioteconomia, relacionada a fontes de informação para trabalho na área do artesanato. Como bibliotecários podem trabalhar as fontes e recursos de informação, tradicionais ou digitais, onde os artesãos possam usufruir para resolver seus problemas e necessidades de informação?

Consideramos que essa pesquisa possa também ser motivadora para outras investigações devido às inúmeras indagações que se levantam no decorrer do texto, como por exemplo, a relação entre artesanato, gênero e uso de redes sociais ou a relação entre o acesso à educação, a utilização das ferramentas do ciberespaço e a formação de profissionais no cenário em que vivemos, ou ainda para pesquisas relacionadas a autonomia e empreendedorismo do artesão urbano e contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Fernanda Maria Melo; SANTOS, Bruno Almeida dos. Fontes e recursos de informação tradicionais e digitais: propostas internacionais de classificação. **Biblios: Journal of Librarianship and Information Science**, n. 72, 2018, p. 35-50. Disponível em: <10.5195/biblios.2018.459>. Acesso em: 05 jun. 2020.

BARROSO, Hayeska Costa; FROTA, Maria Helena de Paula. A trama do trabalho artesanal para mulheres cearenses: desvendando códigos de gênero. **FAZENDO GÊNERO**, 9, 2010, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010 Tema: Diásporas, diversidades, deslocamentos. Disponível em: <[http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278297991\\_A\\_RQUIVO\\_fazendogenero.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278297991_A_RQUIVO_fazendogenero.pdf)>. Acesso em: 26 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços/Secretaria Especial da Micro e Pequena Empresa. Portaria nº 1.007-SEI, de 11 de junho de 2018. Trata sobre a instituição do Programa do Artesanato Brasileiro, cria a comissão Nacional do artesanato e dispõe sobre a base conceitual do artesanato Brasileiro. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1 ago. 2018, p. 34. Disponível em: <[http://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/34932949/do1-2018-08-01-portaria-n-1-007-sei-de-11-de-junho-de-2018-34932930](http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/34932949/do1-2018-08-01-portaria-n-1-007-sei-de-11-de-junho-de-2018-34932930)>. Acesso em: 19 set. 2019.

BUENO, Nancy. A disseminação da informação em artesanato. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 5, n. 2, 1977, p. 977-992. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/73946>>. Acesso em: 05 maio 2020.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre internet, negócios e sociedade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação**: Economia, Sociedade e Cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A sociedade em rede - v. 1).

DUARTE, Adriana Yumi Sato *et al.* O conhecimento tradicional e o desenvolvimento de produtos artesanais no campo do design. **Interfaces Científicas – Exatas e Tecnológicas**, Aracajú, v. 1, n. 2, jul. 2015, p. 11-20.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 316 p.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. 2922 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**, 2018. IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 19 abr. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Perfil dos municípios brasileiros: 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. 131 p.

INSTAGRAM. Fortaleza, 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/>. Acesso em: 11 fev. 2020.

KELLER, Paulo F. O artesanão e a economia do artesanato na sociedade contemporânea. **Política & Trabalho - Revista Ciências Sociais**, Paraíba, n. 41, 2014, p. 323-347.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. 208 p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999. 264p.

MASCÊNE, Durcelice Cândida. **Termo de referência: atuação do Sistema SEBRAE no artesanato**. Brasília: SEBRAE, 2010. 64 p.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NUNES, Jefferson Veras. **Vivência em rede: uma etnografia das práticas sociais de informação dos usuários de redes sociais na internet**. 2014. 307f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

PORTO ALEGRE, Sylvia Porto. **Mãos de mestre: itinerários da arte e da tradição**. São Paulo: Maltese, 1994.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Catálogo de serviços**. Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://catalogodeservicos.fortaleza.ce.gov.br/categoria/economia/servico/160>. Acesso em: 18 fev. 2020.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011

RIBEIRO, BERTA G. *et al.* **O artesanão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE - Instituto Nacional do Folclore, 1983. 253 p.

SANTOS, Evelynne Tabosa dos. **Exportações de artesanato do Ceará no período de 2004 a 2006: desafios e oportunidades.** 2007. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2007.

SILVA, Emanuelle Kelly Ribeiro da. **Quando a cultura entra na moda.** Fortaleza: Edições UFC, 2011. 252 p.

SILVA, Geruza de Oliveira Vieira. **Artesanato: Identidade e Trabalho.** Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, Goiânia, 2014.

SILVA, Marcia Alves da. Abordagem sobre gênero e trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres. SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 10, 2014, Florianópolis, 2014. **Anais [...].** Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2014. Disponível em: [http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/1830-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1830-0.pdf). Acesso em: 16 dez. 2019.

TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; SILVA, Terezinha Elisabeth da. Fontes de informação na Internet: critérios de qualidade. In: TOMAÉL, Maria Inês (Org.). **Fontes de informação na Internet.** Londrina: EDUEL, 2008, p. 3-28.

WE ARE SOCIAL. **Digital in 2019: essentials insights into Internet, social media, mobile and e-commerce around the world.** Londres, 2019. Disponível em: <https://wearesocial.com/global-digital-report-2019>. Acesso em: 20 set. de 2019.

**APÊNDICE A – PRÉ-TESTE DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ARTESÃOS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES II  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**QUESTIONÁRIO**

**ESTE QUESTIONÁRIO FAZ PARTE DA PESQUISA DE MONOGRAFIA SOBRE UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS NO COTIDIANO DE ARTESÃOS. AGRADECEMOS ANTECIPADAMENTE PELA PARTICIPAÇÃO. PARA MANTER O SIGILO SOBRE A AUTORIA DAS RESPOSTAS NÃO HÁ NECESSIDADE DE ASSINAR.**

**SEXO**

- FEMININO  
 MASCULINO

**QUAL SUA FAIXA DE IDADE?**

- ENTRE 18 E 24 ANOS  
 ENTRE 25 E 31 ANOS  
 ENTRE 32 E 40 ANOS  
 MAIS DE 40 ANOS

**QUAL SEU GRAU DE ESCOLARIDADE?**

- ENSINO FUNDAMENTAL  
 ENSINO MÉDIO  
 ENSINO SUPERIOR  
 SEM ESCOLARIDADE  
 OUTROS \_\_\_\_\_

**TRABALHA INTEGRALMENTE COM ARTESANATO?**

- SIM

( ) NÃO

**POSSUI OUTRO TIPO DE RENDA ALÉM DO ARTESANATO?**

( ) SIM \_\_\_\_\_

( ) NÃO

**ONDE VOCÊ APRENDEU A FAZER ARTESANATO?**

---

---

---

---

**ONDE VOCÊ COSTUMA BUSCAR INFORMAÇÕES SOBRE ARTESANATO?**

( ) JORNAIS E REVISTAS

( ) TELEVISÃO

( ) INTERNET

( ) CURSOS

( ) OUTROS \_\_\_\_\_

**COMO VOCÊ AVALIA SEUS CONHECIMENTOS SOBRE O USO DA INTERNET?**

( ) BÁSICO

( ) INTERMEDIÁRIO

( ) AVANÇADO

**VOCÊ UTILIZA REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE TRABALHO?**

( ) SIM ( ) NÃO

**VOCÊ ACHA QUE AS REDES SOCIAIS CONTRIBUEM DE MANEIRA POSITIVA PARA SEU TRABALHO? COMENTE DE QUE FORMA.**

---

---

---

**COM QUAL/QUAIS OBJETIVO VOCÊ UTILIZA AS REDES SOCIAIS? (MARQUE QUANTAS OPÇÕES JULGAR APROPRIADO)**

- ( ) FONTE DE PESQUISA E REFERÊNCIAS
- ( ) DIVULGAÇÃO DO SEU TRABALHO
- ( ) COMUNICAÇÃO
- ( ) PORTFÓLIO PARA SUAS PRODUÇÕES
- ( ) OUTROS \_\_\_\_\_

**QUAIS DESSAS REDES SOCIAIS VOCÊ MAIS UTILIZA PARA SEU TRABALHO COM ARTESANATO?**

- ( ) INSTAGRAM
- ( ) YOUTUBE
- ( ) WHATSAPP
- ( ) FACEBOOK
- ( ) PINTEREST
- ( ) OUTRAS \_\_\_\_\_

**COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ UTILIZA AS REDES SOCIAIS PARA SEU TRABALHO COM ARTESANATO?**

- ( ) 1 OU 2 VEZES POR SEMANA
- ( ) 3 OU 4 VEZES POR SEMANA
- ( ) TODOS OS DIAS DA SEMANA

**EXISTE ALGUMA DIFICULDADE OU ASPECTO NEGATIVO QUE VOCÊ IDENTIFICA NO USO DAS REDES SOCIAIS NO CONTEXTO DO SEU TRABALHO?**

---

---

---

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DEFINITIVO APLICADO AOS ARTESÃOS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES II  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**QUESTIONÁRIO**

**ESTE QUESTIONÁRIO FAZ PARTE DA PESQUISA DE MONOGRAFIA SOBRE UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS NO COTIDIANO DE ARTESÃOS. AGRADECEMOS ANTECIPADAMENTE PELA PARTICIPAÇÃO. PARA MANTER O SIGILO SOBRE A AUTORIA DAS RESPOSTAS NÃO HÁ NECESSIDADE DE ASSINAR.**

**SEXO**

- FEMININO  
 MASCULINO

**QUAL SUA FAIXA DE IDADE?**

- ENTRE 18 E 24 ANOS  
 ENTRE 25 E 31 ANOS  
 ENTRE 32 E 40 ANOS  
 MAIS DE 40 ANOS

**QUAL SEU GRAU DE ESCOLARIDADE?**

- ENSINO FUNDAMENTAL  
 ENSINO MÉDIO  
 ENSINO SUPERIOR  
 SEM ESCOLARIDADE  
 OUTROS \_\_\_\_\_

**TRABALHA INTEGRALMENTE COM ARTESANATO?**

- ( ) SIM
- ( ) NÃO

**ONDE VOCÊ APRENDEU A FAZER ARTESANATO?**

---

---

---

**ONDE VOCÊ COSTUMA BUSCAR INFORMAÇÕES SOBRE ARTESANATO?**

- ( ) JORNAIS E REVISTAS
- ( ) TELEVISÃO
- ( ) INTERNET
- ( ) CURSOS
- ( ) OUTROS \_\_\_\_\_

**COMO VOCÊ AVALIA SEUS CONHECIMENTOS SOBRE O USO DA INTERNET E REDES SOCIAIS?**

- ( ) BÁSICO
- ( ) INTERMEDIÁRIO
- ( ) AVANÇADO

**VOCÊ UTILIZA REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE TRABALHO?**

- ( ) SIM
- ( ) NÃO

**QUAIS DESSAS REDES SOCIAIS VOCÊ MAIS UTILIZA PARA SEU TRABALHO COM ARTESANATO?**

- ( ) INSTAGRAM
- ( ) YOUTUBE
- ( ) WHATSAPP
- ( ) FACEBOOK
- ( ) PINTEREST

( ) OUTRAS \_\_\_\_\_

**COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ UTILIZA AS REDES SOCIAIS PARA SEU TRABALHO COM ARTESANATO?**

( ) 1 OU 2 VEZES POR SEMANA

( ) 3 OU 4 VEZES POR SEMANA

( ) TODOS OS DIAS DA SEMANA

**VOCÊ ACHA QUE AS REDES SOCIAIS CONTRIBUEM DE MANEIRA POSITIVA PARA SEU TRABALHO? COMENTE DE QUE FORMA.**

---

---

---

**COM QUAL/QUAIS OBJETIVO VOCÊ UTILIZA AS REDES SOCIAIS? (MARQUE QUANTAS OPÇÕES JULGAR APROPRIADO)**

( ) FONTE DE PESQUISA E REFERÊNCIAS

( ) DIVULGAÇÃO DO SEU TRABALHO

( ) COMUNICAÇÃO

( ) PORTFÓLIO PARA SUAS PRODUÇÕES

( ) OUTROS \_\_\_\_\_

**EXISTE ALGUMA DIFICULDADE OU ASPECTO NEGATIVO QUE VOCÊ IDENTIFICA NO USO DAS REDES SOCIAIS NO CONTEXTO DO SEU TRABALHO?**

---

---

---